

**CHRÓNICA AÇORES: UMA CIRCUM-NAVEGAÇÃO,
DE TIMOR A MACAU, AUSTRÁLIA, BRASIL, BRAGANÇA ATÉ AOS AÇORES
VOL. 3 PARTE I – ANO 2005 - SEM CORTES (CRÓNICAS 1 A 9 – 2005)**

Versão inédita não totalmente editada



**CHRÓNICA AÇORES: UMA CIRCUM-NAVEGAÇÃO
DE TIMOR A MACAU, AUSTRÁLIA, BRASIL, BRAGANÇA ATÉ AOS AÇORES
VOLUME 3**



J. CHRYS CHRYSTELLO 2017

TODOS OS DIAS DEVÍAMOS OUVIR UM POUCO DE MÚSICA, LER UMA BOA POESIA, VER UM QUADRO BONITO E, SE POSSÍVEL, DIZER ALGUMAS PALAVRAS SENSATAS. GOETHE

O TEMPO É UM ÓTIMO PROFESSOR. PENA É QUE MATE OS SEUS ALUNOS. (HECTOR BERLIOZ)

Ficha técnica – Outras obras do autor:

LIVROS, PREFÁCIOS E TRADUÇÕES DE LIVROS
2018 FOTOEMAS foto book, fotografia de Fátima Salcedo e poemas dos Açores de Chrys Chrystello e-livro http://www.blurb.com/b/8776650-fotoemas ISBN: 9781388351083
2018 revisão, compilação e Nota Introdutória de Missionários açorianos em Timor vol2 de D Carlos F Ximenes Belo, ed. AICL e Câmara Municipal de Ponta Delgada, ed. Letras Lavadas
2018. Crónicas Açores: uma circum-navegação, vol. 2, 3ª ed. https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1012/ChronicAcores-uma-circum-navegacao-vol-2-(3%C2%AA-ed-2018).pdf
2018. Crónicas Açores: uma circum-navegação, vol. 1, 3ª ed. https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1013/chronicacores-uma-circum-navegacao-vol-1--3%C2%AA-ed-2018.pdf
2017. Bibliografia Geral da Açorianidade em 2 vols. 19500 entradas, Ed. Letras Lavadas Publiçor, Ponta Delgada
2'17, revisão, compilação e Tradução de "O mundo perdido de Timor-Leste" de José Ramos-Horta ed. LIDEL
2017. Poema "Maria Nobody" IN VIII Volume da Antologia de Poesia Portuguesa Contemporânea "Entre o Sono e o Sonho" Chiado ED.
2017. A língua portuguesa na Austrália, Capítulo em "A Língua Portuguesa no Mundo: Passado, Presente e Futuro". Ed. Universidade da Beira Interior, org. Alexandre António da Costa Luís, Carla Sofia Gomes Xavier Luís e Paulo Osório
2017. "Três poemas açorianos" in Antologia ed. Artelogy dezº 2016
2017. "Não se é ilhéu por nascer numa ilha", in "Povos e Culturas - A ilha em nós", Revista Povos e Culturas nº 21-2017 Centro de Estudos de Povos e Culturas de Expressão Portuguesa (CEPCEP), Universidade Católica Portuguesa Lisboa
2017. "Não se é ilhéu por nascer numa ilha", capítulo do livro "A condição de ilhéu", Centro de Estudos de Povos e Culturas de Expressão Portuguesa (CEPCEP), Universidade Católica Portuguesa Lisboa
2016, compilação, revisão e Prefácio de Missionários açorianos em Timor "Um missionário açoriano em Timor" vol. 1 de D. Carlos F Ximenes Belo ed. AICL e Moinho Terrace Café
2015. CD Trilogia da História de Timor. 3760 páginas, contém os 3 vols. e ed. em inglês do 1º vol., ed. AICL, Colóquios da Lusofonia. 4ª ed. AICL, Colóquios da Lusofonia https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1010/trilogia-(3-vol.)-Historia-de-Timor.pdf https://meocloud.pt/link/0f421777-0158-43a4-80a8-41c9a0c32c21/TRILOGIA%20COMPLETA%20compressed.pdf/
2015. Crónicas Austrais (1978-1998 monografia) 4ª ed. 2015
2014. Prefácio de "O voo do Garajau" Rosário Girão & Manuel Silva, ed. Calendário de Letras e AICL http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0807-89672015000300016
2013. Crónicas Austrais 1978-1998, monografia, 3ª ed. https://www.scribd.com/doc/3051472/cronicasaustrais
2012. Trilogia da história de Timor, ed. AICL Colóquios da Lusofonia, ISBN: 978-989-95641-9-0 (Timor Leste O Dossiê Secreto 1973-1975 vol. 1, Timor-Leste 1983-1992 vol. 2 Historiografia de um repórter e Timor Leste vol. 3 - As Guerras Tribais, A História Repete-se (1894-2006) ed. AICL Colóquios da Lusofonia, ISBN: 978-989-95641-9-0
2012, Crónica do Quotidiano Inútil. Obras Completas (poesia) 5 volumes, 40 anos de vida literária, ed. Calendário de Letras 2012 - ISBN 9789728985646 https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1001/CRONICA-DO-QUOTIDIANO-INUTIL-VOL-1-5--2012.pdf
2012, volume 3 da trilogia da História de Timor, As Guerras Tribais, A História Repete-se 1894-2006, 1ª ed. https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1010/trilogia-(3-vol.)-Historia-de-Timor.pdf http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timor3.pdf
2012, volume 1 da trilogia da História de Timor: East Timor - The Secret Files 1973-1975 3ª ed. http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timore.pdf
2012, Tradução "Uma pessoa só é pouca gente / A lonely person is not enough people, the sex and the divine" de Caetano Valadão Serpa
2000, volume 1 da trilogia da História de Timor Timor Leste O Dossiê Secreto 1973-1975, 2ª ed.
2012, volume 2 da trilogia da História de Timor: Historiografia de um repórter - Timor-Leste 1983-1992 DVD – 1ª ed. 2005-2012 https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1008/TRILOGIA-vol-2-Historia-de-Timor.pdf https://www.scribd.com/document/40234122/Timor-Leste-Historiografia-de-um-reporter-vol-2-193-1992 http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timor2.pdf
2011, Tradução da Antologia Bilingue de (15) autores açorianos contemporâneos, ed. AICL e Calendário de Letras
2011, Crónicas Açores uma circum-navegação vol. 2, 2011 ISBN 978-9728-9855-47 Ed. Calendário de Letras http://www.calendario.pt/index.php?id=246&cat=203&pid=55
2010, tradução para inglês dos Guia de Mergulho da Madeira; Guias de Mergulho das Ilhas dos Açores, Ed. VerAçor
2009, Crónicas Açores: uma circum-navegação, vol. 1 esgotado, online https://www.scribd.com/doc/39955110/CHRONICACORES-UMA-CIRCUM-NAVEGACAO-DE-TIMOR-A-MACAU-AUSTRALIA-BRASIL-BRAGANCA-ATE-AOS-ACORES-VOLUME-UM-DA-TRILOGIA https://www.worldcat.org/title/chronicacores-circum-navegacao-de-timor-a-macau-australia-brasil-braganca-ate-aos-cores/oclc/357576846&referer=brief_results
2009, Crónicas Açores: uma circum-navegação, vol. 1, 2009 ISBN 989-8123-12-1 VerAçor ed. 2009
2008, Tradução para inglês de "S. Miguel uma ilha esculpida" Daniel de Sá, Ed. VerAçor.
2008, Tradução de "Ilhas do Triângulo, viagem com Jacques Brel" Victor Rui Dóres, prelo, ed. VerAçor.
2008, Prefácio e Revisão "A Freira do Arcano, Margarida Isabel do Apocalipse" de Mário Moura, ed. Publiçor, Ponta Delgada
2007, Tradução para inglês "E das pedras se fez vinho" de Manuel Serpa ed. VerAçor, Açores Portugal
2007, Tradução para inglês, "Santa Maria Ilha Mãe" Daniel de Sá, ed. VerAçor, Açores, Portugal
2005, coautor tradução para português "The Lost painting" Jonathan Harr, ed. Presença
2005, Cancioneiro Transmontano, ed. Santa Casa da Misericórdia Bragança, https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1000/cancioneiro-braganca-2005.pdf - http://www.lusofonias.net/chryscv/CANCIONEIRO%20TRANSMONTANO%202005).pdf
2004, tradução para português "A People's War" de Vo Nguyen Giap, Editora Sílabo Portugal
2004, tradução para português, "Dien Bien Phu" de R. H. Simpson, Editora Sílabo Portugal
2002, tradução de "La familia: el desafío de la diversidad" Adelina Gimeno (castelhano, Psicologia), Instituto Piaget Portugal
2000, Crónicas Austrais - 1978-98 (monografia) (1ª ed.) http://www.ebooksbrasil.org/microrader/cronicasCA.lit http://www.ebooksbrasil.org/REB/cronicasCA.rb
2000, volume 1 da trilogia da História de Timor: Timor Leste O Dossiê Secreto 1973-1975, 2ª ed. https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1005/TRILOGIA-VOL-1--ET-dossier-secreto-73-75-PT-cc0.pdf www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timor0.pdf
2000, volume 1 da trilogia da História de Timor: Timor Leste The secret files 1973-1975, 2ª ed. https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1005/TRILOGIA-VOL-1--ET-dossier-secreto-73-75-PT-cc0.pdf https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1004/TRILOGIA-VOL-1-East-Timor-secret-file-73-75-eng.pdf https://www.worldcat.org/title/east-timor-the-secret-file-1973-1975/oclc/66016286&referer=brief_results http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timore.pdf https://www.scribd.com/doc/253855631/East-Timor-the-Secret-Files-1973-1975-Eng-
1999, volume 1 da trilogia da História de Timor: Timor Leste O Dossier Secreto 1973-1975, Porto, 1999, ed. Contemporânea (Esgotado) 1ª ed. ISBN 10: 972-8305-75-3 / ISBN 13/EAN: 9789728305758 https://www.worldcat.org/search?q=chrystello&fq=&dblist=638&fc=ap:25&at=show_more_ap%3A&cookie
1991-2011 Yawuji Barra e Yawuji Baia Os avós de barra e Avós de Baia, ed. 1991-2011 https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1003/Yawuji-Os-Avos-de-Barra-e-os-Avos-de-Baia.pdf
1985 crónica X Aborígenes na Austrália https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1002/cronicaX-aborigenes-na-australia.pdf
1981, Crónica do quotidiano inútil vol. 3&4 (1973-81) poesia, ed. Macau (esgotada) https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1016/cronica-do-quotidiano-inutil-vol.-3-4-.pdf http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/quotidiano inutil.pdf http://www.scribd.com/doc/77870662/cronica-do-quotidiano-inutil-cqj-Volume-3-4#scribd
1974, Crónica do quotidiano inútil vol. 2 (poesia) ed. abril 1974 Dili, Timor Português (esgotada) https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1015/cronica-do-quotidiano-inutil-vol.-2-.pdf
1972, Crónica Do Quotidiano Inútil vol. 1 (Poesia) Porto (Esgotado) https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1017/cronica-do-quotidiano-inutil-vol.-1-1972-original-1%C2%AA-ed-CQL.pdf http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/quotidiano inutil.pdf

Contacto do autor: (+351) 919287816 drchryschrystello@yahoo.com.au / chryschrystello@journalist.com

Crónica 0

Samuel Taylor Coleridge (1772-1834) que foi poeta, escritor, conferencista, professor, tradutor, criador de jornais e revistas, disse certa vez de Platão e Aristóteles que colocaram "dois sistemas opostos diante da mente do mundo". E disse mais: "Todo homem nasce aristotélico ou platónico. São duas classes de homens, ao lado das quais é praticamente impossível conceber uma terceira". Platão ambicionava a sabedoria do além, do mundo das ideias, do qual o nosso mundo é apenas uma sombra pálida. Idealista. Aristóteles procura a sabedoria aqui, com os dois pés no chão. Foi Aristóteles um dos primeiros a procurar uma verdade objetiva sem a necessidade de "mágica". Aristóteles aconselhava a não discutir com qualquer um, uma recomendação que confirma a famosa Lei de Murphy, segundo a qual quando a gente discute com um idiota poderia ocorrer que outros não percebessem a diferença. A conduta, os artigos, a forma cétrica e irreverente de JC falar, sempre obcecado por ser "politicamente incorreto" já há muito denotavam aquilo que o velho Aristóteles categorizava como um "idiota".

Nesta fase adiantada da minha vida, era mais um *homo domesticus* que ficava em casa, incapaz ou sem querer interferir de forma ativa nos assuntos da "civitas". Não aceitava como minha a responsabilidade de lutar sozinho contra déspotas, tiranos, corruptos, medíocres, ao contrário do que fizera já, sem grandes resultados, durante várias décadas. Um autor açoriano, de seu nome Daniel de Sá, já o havia intuído:

Existe um "castelo" na Lomba da Maia. Não tem torres nem ameias nem tampouco o fosso protetor contra invasores e atacantes. Também não tem nome nem dono. Foi assim batizado por aquele escritor, por lá se avistar (dia e noite) um castelão, agarrado ininterruptamente ao seu computador, organizando os Colóquios da Lusofonia.

De facto, dali do topo da sua "falsa" (o nome micaelense para o sótão) a minha janela abria-se sobre todo o mundo: podia observar os mares e os montes, as vacas, as eternas brumas que se aproximavam e, por vezes, desapareciam sem deixar rasto. Outras vezes era a chuva inclemente e impiedosa que vinha ora do norte, ora do oeste ou do sul, e aí sim, ela abatia-se sobre o seu "castelo" e as grossas gotas corriam pela sua janela e toldavam-lhe o juízo, arrefecendo a sua paciência oriental. Mas não foram essas chuvas quem apagara o fogo da minha paixão pela verdade, equidade, justiça e liberdade, extinto há muito pela sublimação do hábito que torna os quotidianos em tarefas cada vez mais pesadas, quando o desespero se apossa subitamente, sem premeditação. Martelava ferozmente o teclado em frente ao qual gastei a última grossa de anos (não eram doze dúzias, mas assim lhe pareciam) da sua vida, deixava que a vida lá fora corresse sem pressas. Devagarosamente debitava palavras que a gaveta iria consumir com a humidade que, aliás, era muita naquela ilha sempre verde. Sempre a gaveta para onde desde miúdo atirava tudo o que produzia na esperança de um dia lhe vir a ser útil.

Felizmente sempre tive a mania de escrever e guardar o que escrevia. Assim cheguei a ler tudo o que escrevi ao longo de mais de meio século. Eram notas, pequenos apontamentos, escritos e manuscritos de caligrafia variável como os estados de alma, de vários tamanhos, formatos e estilos, que se haviam acumulado em pastas não catalogadas nem sequer ordenadas de qualquer forma específica. Outros ocupavam o lado outro de folhas A4, recicladas de traduções, notícias e outras. Foi um trabalho longo. Ler e rever tudo o que me aparecia escrito e descortinar o que era real, inventado ou meramente sonhado. Alguns faziam parte de escritos e reescritos já publicados, outros nem por isso, e havia os mais recentes publicados já sob o pomposo e deshumilde título de *Crônicas: uma circum-navegação*. Uma vez na posse daqueles arquivos preciosos (e muito ficara por ler e desvendar, para memória futura) a minha tarefa fora interpretar e colocar geograficamente os eventos nos locais por onde passara, que nem um caixeiro-viajante do mundo, sempre impaciente e insatisfeito em busca de uma pátria, uma mãe, um lar.

E é sobre essa fluente e vasta escrita que este livro versa. Já aprendera isso com o meu pai e repetia-o até à exaustão pois a experiência ditava-me de que poderiam ser úteis tais anotações. Já o tinham sido por várias vezes. Era difícil aos que me rodeavam compreenderem aquele frenesim, aquela angústia de escrever e por muito que lhes explicasse (o que já deixara de fazer havia tempo) recusavam-se a ver a minha irrepreensível lógica. Sabia que tinha uma missão diferente de todas as outras e teria de a levar a cabo, embora sem ter cartas de marear nem rotas nem itinerários. Era quase um eremita rodeado de gente pouca, por todos os lados, como convém a quem é uma ilha, incapaz de se deixar contagiar pelos clamores externos. Não havia ambiguidades na minha postura, optara por ser aquilo que atualmente era. Já não tinha nem ressentimentos nem ilusões. Já passara o tempo da dor, limitava-me a sorrir pouco e rir qb. A vida passada só fazia sentido para o ego que fora meu, mas já não era. Não poderia repeti-la agora. Tê-la-ia vivido da mesma forma se confrontado com idênticas circunstâncias. O presente devia ser aproveitado sem os hedonismos do passado, com a frugalidade que o meu padrão de vida me permitia, sempre otimista quanto aos melhores dias que podem sempre vir, quando menos se espera, sem nunca desesperar.

Considerava-me um privilegiado, vivi três vidas numa só. Criei três carreiras distintas que prossegui em paralelo e nada de material tinha para mostrar, mas trazia comigo uma pesada bagagem de conhecimentos e cultura que teimava em acarretar sempre que mudava de residência. Tal como George Steiner em "Os livros que não escrevi" não se definia politicamente, eu nunca declarava abertamente as minhas ideias políticas, nem a minha verdadeira posição. Afirmei sempre nunca pertencer a nenhum partido ou clube, e dessa forma reneguei qualquer afiliação que pudesse ter existido nos meus anos formativos. Mesmo quando visualizava os espetáculos desportivos não me deixava levar pelas emoções ou por simpatias, via friamente o que o pequeno ecrã me proporcionava e chamava àquilo o meu entretenimento gratuito. Evitava a todo o custo pronunciar banalidades e raramente subscrevia manifestos. Pelo contrário ridicularizava a impreparação dos jornalistas que debitavam decibéis em telejornais vazios de conteúdo, incitava-os a fazerem as perguntas corretas sem medo de perderem os seus empregos. Raramente via uma coluna vertical e proba naqueles escribas atuais, meus colegas de profissão, sempre de costas vergadas à censura económica dos seus patrões. Raros os editoriais ou artigos de opinião que subscrevi, pois poucos podiam escrever livremente e menos ainda os que os queria ler. Muitas vezes no meu blogue e nas minhas crônicas, fazia análises da conjuntura mundial ou nacional usando meramente o senso comum e interrogava-me porque é que o povo à minha volta não podia ver as coisas com a mesma clareza e transparência com que eu as via.

Escolhi esta forma de isolamento, quiçá aprendido da obra de Nietzsche que fora bandeira da minha juventude revolucionária, de aprendizagens várias. Afirmei sempre prezar imensamente a incomensurável liberdade de expressão e de discussão que a revolução de abril (1974) nos trouxera. Tinha esse desprendimento próprio de quem nunca perdoava ter tido o meu primeiro livro de poesia, quase juvenil e inóspita, cortado pelo lápis azul da censura e reduzido a um terço da sua dimensão. O meu retiro no "castelo" aparentava uma passividade que não me era inerente, mas era assim que eu reagia ao desapontamento da democracia conjugado com uma utópica visão do mundo que herdei dos muitos livros

que li, sobretudo na infância e juventude. Temia todos os totalitarismos e fundamentalismos, e já não receava ser acusado de elitista. Nauseavam-me os espetáculos de voyeurismo que as televisões colocavam no ar, sem intimidades, nem privacidades, como se fosse a transposição de tudo aquilo que os malfadados formulários burocráticos haviam conservado de cada um e os resolvesse expor na praça pública para deleite geral. Uma espécie de Maria Antonieta no cadafalso para todos verem e vilipendiarem. Era similar às ações encenadas dos políticos para todos verem o que pretendiam que vissem, como se as decisões sobre o presente e o futuro do país se definissem através desse jogo de sombras chinesas ou de marionetas indonésias.

Teologicamente definia-me como ateu e não como agnóstico, mas lamentava-me de ter perdido a fé com que cresci, embora ainda hoje me limitasse a aplicar na prática todos esses bons ensinamentos. Ironizava ser mais católico do que muitos praticantes do rito romano, e de ter feito mais bem sem olhar a quem, do que muitos daqueles que se continuavam a benzer, e a ir comungar num espetáculo de voyeurismo público que me repugnava. Ao decidir ficar em casa, no meu "castelo" era uma espécie de observador neutral do mundo que se desenrolava a meus pés, ainda, e sempre, convicto de que os seres humanos podem ser iguais, independentemente do seu género ou sexo, da sua nacionalidade ou cor de pele. Estava, porém, lucidamente consciente, desta utopia, pois haveria sempre os favorecidos pela "sorte", os ricos (e quem enriquece à custa de trabalho honesto?) e todos aqueles cuja única missão no mundo era contrariar os meus arreigados princípios de probidade e dedicação a causas perdidas. Estava consciente de que a lei, qualquer que ela seja, qualquer que seja o país, está cheia de iniquidades e favorece obviamente os ricos e os corruptos e quem se "lixo é sempre o mexilhão", pois são sempre os pequenos e os incómodos que servem para dar exemplo da luta contra o nepotismo e corrupção.

Bastava nascer-se no Congo ex-belga, em Kiribati (no Pacífico Sul) ou na Terra do Fogo para as hipóteses de futuro serem radicalmente distintas daquele que nasceu no palácio de Buckingham, só para dar um exemplo dum "rapaz da sua idade". Embora não tivesse nascido com deformações ou deficiências genéticas viria a adquirir uma perigosíssima estirpe viral: a do conhecimento e da insaciável sede pelo mesmo. Aí, congratulava-me por não ter nascido cego, pobre de espírito, ou delinquente. Outra deficiência que adquirira em novo, por influência paterna, tinha a ver com a sôfrega sede do direito inalienável à liberdade de expressão e de pensamento, uma malformação congénita que me valera muitos dissabores pessoais e profissionais ao longo da vida.

Viera um dia, descendo das nuvens que pairavam sempre sobre estas ilhas, como quem não quer poisos certos e acabei por ceder ao peso das dúvidas e das dívidas. O meu andar não era tão ereto nem certo como fora em tempos, a cabeça baixa, os olhos baços e encovados do cansaço e desespero. Arrastava-me penosamente pelo calendário dos dias, sem deixar grandes marcas além das baforadas dos cigarros sorvidos sofregamente. Tinha ainda uma missão a cumprir na vida, das duas ou três que guardara para estes anos finais quando as chamas se apagavam e os sonhos esmorecidos não passavam já de memórias. Atribuía o facto à idade, embora me gabasse de envelhecer suavemente, sem pressas nem negações, mas finalmente deixei de lutar e de sonhar com as áreas vastas e os horizontes sem fim, mais típicas do meu australiano continente-ilha. Aliás, sabia que estava a ficar caduco desde aquele dia em que ao espirrar me saltara a dentadura postiça com estrondo para cima da secretária. Aqui e agora, estava tolhido pelas colinas verdes, as tais vacas alpinistas, as brutais variações climatéricas diurnas, a neblina de mar que vislumbra pela sua janela. O verde afetava-me quase tanto como a frequente falta de sol de que carecia para a função clorofilina. Obrigara-me a nunca me queixar, a estar sempre contentado sem nunca me contentar. Resignado deveria ser o termo, mas fingia que nada me afetava nem inquietava. Isto passava-se enquanto as dúvidas e os temores me assolavam, cada vez mais frequentemente, se bem que numa escala metafísica pouco consentânea com as preocupações mais comezinhas daqueles que me rodeavam.

Tomara-me taciturno, quase monossilábico, não tinha com quem dialogar, eram todos surdos em volta e falavam uma língua diferente com sotaques estranhos e quiçá incompreensíveis. Sentia-me estrangeiro. Duas vezes ao ano partilhava palavras com os meus pares ideológicos nos Colóquios da Lusofonia, mas para isso precisava de organizar esse tipo de reuniões intelectuais à custa de muita labuta e sem proveito qualquer. Perguntava a mim mesmo se era este o preço a pagar para poder falar. Sempre falara, e muito, e agora via-me calado e ensimesmado. Deixara de viajar frequentemente, como fizera toda a vida, e os locais estranhos eram visitados apenas no pequeno ecrã com que entretinha as horas que não passava a teclar.

Politicamente incorreto até à medula, sem ser libertário, raramente deixava perceber quais os meus ideários, mas nunca me cansava de falar em liberdade, em especial, a de expressão e de opinião. Falava da liberdade individual como se ela fosse mais vital do que o pão para a boca ou o dinheiro para pagar as contas. Era de opinião de que todos deviam ter a liberdade que eu (e nós próprios) temos e por isso não me coibia de dizer **não** quando o entendia, em vez de cortesmente dizer sim quando a mente me dizia não. Não pactuava com falsas noções. Era por isso socialmente incorreto quando dizia que não tinha aparecido porque não lhe tinha apetecido ir, ou quando afirmava que preferia ficar em casa, no meu "castelo" a juntar-se às proles.

Aliás, sem cerimónia dizia que me custava estar no meio de multidões, e havia já escrito em 1972 no meu primeiro poema que abria o volume de poesia [Crónica do Quotidiano Inútil] "

-- 11 h.

A correr do café com leite para o elétrico torrado.

Palavras marteladas pelo HÁBITO INCÓMODO.

-- Quinze tostões.

Direito a empurrões, pisadelas.

O pó é grátis

por vezes, o cheiro da democracia custa a engolir...".

Devia ser uma ideia premonitória, dado que quando o escrevera ainda não vivera a democracia, pois decorria então a dita primavera marcelista estiolada que foi o estertor do Estado Novo salazarista. Mas é sempre difícil os outros aceitarem estas declarações verdadeiras e honestas, ninguém gosta de saber que alguém não quer estar connosco e prefere ficar sozinho. Não aceitam que seja preferível uma pessoa ficar em paz e sossego consigo mesmo, essa coisa banal que se resume a estar consigo mesmo e não com os outros.

Há momentos para tudo, para estarmos connosco e momentos para estarmos com os outros. Era dessa liberdade que falava e que procurava, quando não estava bem com algo, não deixava que isso me atormentasse e punha termo ao mal-estar. Mesmo que isso implicasse os outros sentirem-se aparentemente ofendidos e tristes por se preterir a companhia deles ao silêncio dum teclado a ser martelado suavemente com ideias. Era dessa liberdade que falava e era essa liberdade individual que prezava mais do que tudo. Era avesso a todas as formas de dirigismo ou de manipulação, queria decidir por mim mesmo, ainda que inconscientemente estivesse a ser manipulado ou influenciado pelo que lia e ouvia.

Já tinha sido assim quando me proibiram de fumar em locais públicos australianos no fim da década de 80 e depois quando em Portugal a mesma cegueira protecionista da saúde se abateu sobre cafés e outros locais em janeiro de 2008. Para mim tratava-se de mais um fundamentalismo que não estava disposto a aceitar. Se as minhas idas ao café já eram pautadas por períodos limitados a mero conjunto de segundos, frações minúsculas de minutos, estes passaram a ser mais curtos ainda, pois embora habitualmente não acendesse um cigarro após o café, passei a acendê-lo apenas para provar que o podia fazer quando queria e não quando os outros deixassem. A minha relação com os outros era sempre problemática e resumia-se à minha aversão pelos ditames alheios. Fora assim com a autoridade paternal, com as autoridades militares no decurso da minha vida como oficial do exército e no decurso da minha vida profissional. Era avesso aos “carneiros” e talvez por isso mesmo acabaria por casar com uma pessoa desse signo.

Despeitava a inveja alheia, noção que me era alienígena, pois invejava nada ou ninguém. Criticava os outros pela fachada que mantinham, pelos estereótipos com que se regiam: conversas balofas e mesquinhas, sem profundidade. Ansiava por conversas profundas, preferia argumentos “intelectuais” ou até mesmo “pseudointelectuais” em que se esgrimissem argumentos, ideias e propostas concretas de melhorar o mundo, pois isso nem a sociedade, em si, nem os políticos, em especial, se encarregariam jamais de fazer. Acreditava que podia marcar a diferença e começava as revoluções em casa.

Deixei sempre aos filhos a liberdade de escolherem a sua vocação religiosa quando tivessem idade, nunca ia à missa só porque sim, como o meu pai fizera sempre, acompanhando religiosamente a minha mãe, essa sim praticante dessas coisas do culto da missa. Os tempos eram outros e não havia já aquele estigma forte de se ser um não-praticante ou um não frequentador de missas. De qualquer modo acreditava ser coerente. Ao contrário dos meus pais, que raramente me deixavam usar o telefone, cedo coloquei telefones nos compartimentos todos da casa para que o filho mais novo pudesse falar ao telefone ou usar a internet, com moderação. Lembrava-me ainda do tempo em que o telefone tinha apenas trinta centímetros de fio e uma pessoa tinha de ficar ali agarrada aquele pedaço de baquelite preto a falar por monossílabos, com o resto da família perscrutando as ondas e o éter a conjeturarem toda uma conversa que se queria privada. Mais tarde, inventei um sistema com um fio de extensão do telefone que se ligava na tomada e dava para esticar o aparelho pelo resto da casa. Fosse onde fosse que me fechasse: no quarto, na casa de banho, na varanda, já podia falar com privacidade, mas só o fazia de noite quando os pais já dormiam para poder falar longamente... infelizmente o filho tinha um desprezo para com o telefone igual ao que ele agora sentia por esse meio de comunicação retrógrado e que raramente utilizava por prazer. Mais voltado para as novas tecnologias e um típico autoensinado, o filho desfazia-se em digressões e divagações tecnológicas cibernéticas sempre em busca de descoberta do Santo Graal mesmo que não o soubesse nem sabendo bem o que procurava.

Nasci em 1949, fruto dum pós-guerra que abalou profundamente os alicerces da minha família. De abastada em 1906 e possuidora de três carros durante a 1ª Grande Guerra, pouco se via da velha família com laivos de nobreza. A família sobreviveu mal à Grande Depressão de 1929 com grandes perdas financeiras e a sua redução a uma mera burguesia “cheia de pergaminhos nobres, mas sem cheta” como soía dizer-se então. Embora crescessem a falar francês, inglês, italiano ou castelhano ficou sempre uma certa animosidade pessoal contra Franco e os espanhóis e uma certa empatia com a Galiza. Tinha, também, muito orgulho no apelido Meira, cuja origem descobri ser muito antiga.

Família que tomou o apelido de Meira no bispado de Tui (Galiza) o mais antigo que se conhece é Rodrigo Afonso de Meira, senhor do solar de Meira. Mais tarde Gonçalo Pais de Meira, alcaide de Guimarães que, com seus filhos, organizou a defesa da praça, ao serviço da Corte de Espanha, livrou do cerco a cidade de Guimarães no ano de 1369.

Dizia a lenda que saíra da nossa posse um Palácio na Galiza, por um tio-bisavô do lado Meira, que se recusava a tornar espanhol e por isso perdeu todas as propriedades em Espanha dado que os não-Espanhóis estavam então proibidos de possuir terras e bens. Mas a sua verdadeira identidade nunca descobri nem encontrei ligação nossa do lado Meira (radicado em Afife, mas originário de Lugo, Santa Maria de Meira) nem desse antepassado que alegadamente havia sido o dono do Pazo de Meirás em El Ferrol, que é um Palácio de Verão pertença da Coroa espanhola, mas só muito mais tarde vim a descobrir que parecia nunca ter havido ligação nenhuma a esse Palácio de Verão que o ditador Francisco Franco “anexara” na década de 1930 e do qual usufruía por 36 verões consecutivos e que hoje recusam devolver ao estado.

Embora crescêssemos com a capacidade de falar castelhano ficou sempre uma certa animosidade pessoal contra Franco e os espanhóis e uma certa empatia com a Galiza.

As origens de outro ramo da família datam de 960 d.C., anteriores a Afonso Henriques, a cujo aio judeu estavam ligadas pelo casamento da filha de Egas Moniz, ou seja, anterior à formação do próprio Condado Portucalense e de Portugal.

No que diz respeito ao apelido este originou-se com D. Sancho Nunes Barboza, senhor da Quinta de Barboza, na terra do mesmo nome. Era seu solar a Quinta de Barbosa, no termo do Porto, donde tomaram o nome, no lugar de Barbosa, na freguesia de S. Miguel de Rãs (Penafiel, Norte de Portugal). Segundo Miguel de Sousa (in “As Origens dos Apelidos das Famílias Portuguesas”, SporPress, 2001), os Barbosas foram uma importante família nobre portuguesa no século XII, mas que entrou em decadência nos séculos XIII e XIV. D. Sancho Nunes Barboza era descendente de D. Nuno Guterres, aliás Conde D. Nuno de Cela Nova, filho do Conde D. Teobaldo Nunes, um dos mais ilustres e valorosos cavaleiros do tempo do rei D. Bermudo II de Leão. D. Nuno era irmão de S. Rosendo, famoso bispo de Dume no ano de 925. Este nome pode ter sido documentado muito antes da data mencionada acima. Apelido português toponímico, indica um lugar onde há muitas barbas de bode ou barbas de velho (espécie de planta). Como topónimo, José Pedro Machado (in Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa) considera que Barbosa é originalmente um adjetivo na expressão «(terra) barbosa», isto é, «(terra) onde haja abundância de plantas chamadas barba» (ver barba no Novo Dicionário Compacto da Língua Portuguesa, de António de Morais Silva, 2.ª edição).

A ligação ao título de Conde de Celanova permaneceu na família durante gerações, mas por razões que não vêm ao caso já não estão atuais. Havia também uns primos diretos, mais velhos do que eu, nascidos no Brasil e lá residentes, que queriam o título, a que legitimamente tinham direito por consanguinidade e hierarquia. Passados os dias difíceis da Grande Depressão quando o meu avô morreu (1930) em que terrenos, casas, propriedades e fábricas foram sucessivamente roubados por outros membros da família ou perdidos na voragem da bancarrota, a família sobreviveu à Segunda Grande Guerra.

A Quinta do Cabeço em Afife foi uma das perdas mais sentidas pelo meu pai. Cheguei a conhecer as suas casas de infância, uma na Rua Visconde de Setúbal e Rua da Regeneração (atual Rua João das Regras, onde está um tribunal

agora), mas as casas de verão na Foz e Matosinhos onde passavam o Verão já não as conheci. Consta que alguns membros da família (em especial um cunhado que era contabilista do meu avô) a quem dera apoio com trabalho e benesses foram os que mais se aproveitaram dele estar em maus lençóis.

Ainda viríamos a herdar algo que eles deixaram por não terem descendentes). Com a derrocada financeira e subsequente morte do patriarca viria a impossibilidade de o meu pai acabar o liceu e ter de se resignar a acabar os estudos numa Escola Comercial, tendo cedo começado a trabalhar nos escalões inferiores duma multinacional norte-americana¹. Entretanto, de tenra idade o meu tio, irmão mais velho do pai, emigrou para o Brasil (teria uns 7 ou 8 anos, por volta de 1918) com um tio-avô que ali fez fortuna e deixou descendentes que ainda hoje continuo a descobrir.

Segundo consta, e era tradição oral, o meu pai escandalizou o resto da família e teve de arcar com um certo e duradouro ostracismo. Casara em 1948, segundo o culto católico romano, com uma mulher trabalhadora, noção de todo herege aos olhos do conservadorismo familiar, cheio de pergaminhos, de manias de aristocracia (falida) e sangue azul. Dir-se-ia que nascera, assim, no seio duma atmosfera hostil. A minha mãe era professora primária numa altura em que mais nenhuma mulher (na família do meu pai) trabalhava ou sequer pensava nessa hipótese. Eram, então, todas as restantes mulheres da família de seu pai respeitáveis donas de casa, com tradições a venerar e manter, enquanto tocavam piano e falavam francês, segundo o provérbio popular. Era às criadas que competiam as tarefas de cuidar das crianças, educá-las, ensiná-las, enquanto outras colegas mais qualificadas se encarregavam dos trabalhos domésticos divididos por tarefas como limpezas e cozinha. Aos pais do sexo masculino (nessa altura, os pais eram ainda apenas um de cada sexo) competia trabalhar, manter o bom nome da família, e prover a todas as necessidades (expressas ou não) desta

Do meu lado materno viriam os apelidos Menezes, Madureira, Rodrigues, Magalhães, Moraes e Alves todos consignados ao distrito de Bragança.

Ali teriam toda a sua ancestralidade, ligada entre outros a Dom Nuno Álvares Pereira (1360-1431) descendente de Desidério, último rei dos lombardos, que tentou invadir Portugal e tomar a Galiza em 740 (D. Afonso I). Os Pereira estabeleceram-se em Trastâmara antes da chegada dos mouros. Eram senhores do Castelo de Lanhoso. Aos 16 anos casou com D. Leonor de Alvim, um casamento de conveniência. Deixou descendência a quem D. Duarte deu o título de Duques de Bragança.

Nunca vi a clarificação dessa ligação genealógica à família da minha mãe e mantinha-me céptico em relação à mesma. Já não havia dúvidas quanto ao resto da família embora me intrigassem alguns relatos de que um meu bisavô materno teria sido cônego, casado e pai de filhos, mas também aí nunca descobri a confirmação do sacerdócio desse antepassado, embora houvesse muitas dúvidas matrimoniais não-consubstanciadas em documentos.

Como poucos na família se interessavam pelo assunto e como havia uma política de silêncio profunda, os poucos dados de que dispunha fui-os arranjando na fase monárquica da juventude quando passava as férias nas aldeias transmontanas em busca de histórias e lendas de família. Parecia não restar dúvida, quer pelas imagens quer pelo resto, de que se tratava de uma família (pelo lado materno) com inúmeras ligações a judeus novos ou marranos. Renegados por todas as gerações até aos meus dias, havia os nomes típicos de cristãos-novos como Ester (hebraico: estrela) e Jesuína (latim: aquela que crê em Jesus) que não deixavam grandes dúvidas, a menos que se ignorasse a etimologia dos mesmos. Seriam um peso grande a acarretar durante a vida estas heranças genealógicas das quais só viria a libertar-se muito mais tarde.

Rompendo com a tradição iria ajustar a minha identidade à persona que aceitei como meu alter-ego e com a qual teria de coabitar para o resto dos dias. A minha mulher jocosamente comentara um dia que o meu grande problema existencial era saber qual dos dois venceria o duelo, eu ou o meu alter-ego. Fora importante esta dicotomia para definir a minha personalidade, independentemente das heranças genéticas e outras. Sempre quisera construir o meu rumo sem transportar o peso morto das expectativas, e uma albarda cheia de nomes como alguns membros da família chamados – por exemplo -Alberto Eduardo Miguel Carlos Manuel Filipe José Pedro Arcanjo Francisco e seus respetivos apelidos. Cingir-me-ia, por exemplo, às iniciais JC ou JCC tomadas no seu sentido mais lato como as do filho do deus dos cristãos. Não seria isto mais uma demonstração da minha não-aceitação de destino marrano, e a necessidade de reafirmação da minha cristandade?

Em minha casa no Amial, viviam os meus pais, a minha avó paterna, duas irmãs de meu pai ainda solteiras e a tia-avó Orbela (então separada ou já viúva) que faleceria dois anos depois. Os meus pais levantavam-se muito cedo para irem trabalhar e eu ficava a cargo da empregada e da minha avó, que eu sempre considerei uma pessoa adorável e terna, mas que nunca trabalhara um dia em toda a sua vida e jamais se capacitara de que a família não era rica como dantes.

Vivia num mundo seu, encapsulada num vórtice temporal que nunca transcendeu. Os primeiros quatro anos da minha vida eram preenchidos por longos passeios pela Estrada da Circunvalação Interna no Porto, pois vivíamos no Bairro Garantia, Vivenda Estremadura, na Rua do Amial, mesmo junto a essa saída de portas, antiga barreira fiscal que impedia a entrada e saída de pessoas desse burgo que era o Porto. A casa ainda existe e aparte uma pintura exterior não parece ter mudado nada desde que de lá saímos. No entanto abster-me de ir bater à porta e pedir para visitar o sítio onde passei os primeiros anos de vida, como quem parte em busca de soluções para problemas que desconhece, ou em busca de pistas para a minha maneira de ser conturbada.

As lembranças dessa época são mais decorrentes das fotos que vi e das quais retive ou recriei uma memória dos eventos por via fotográfica. O que mais persiste na lembrança, e disso não vi fotos, é o enorme fogão a lenha que havia na cozinha e o hábito de a minha avó tomar ao lanche um chá com leite, o chá inglês como ela lhe chamava e que por vezes me convidava a acompanhá-la. A casa tinha dois quartos para a frente, dois laterais, além da sala de jantar e cozinha. Se bem que tenha uma vaga recordação da maior parte dos quartos e da sala e cozinha, há dias interrogava-me onde estava localizada a mobília de escritório do meu avô, que o meu pai herdou.

A minha avó tinha no quarto de dormir uma pianola onde se entretinha a tocar e que mais tarde deixou de fazer parte da nossa mobília quando mudámos. Foi para casa da minha tia (irmã mais velha do meu pai) porque a minha mãe achava que era um "mono" demasiado grande para um apartamento e como não era dada às músicas viu-se livre da pianola e mandou a minha avó tocar em casa dos outros. Ainda está em casa deles.

Na casa do Amial havia uma criada ou "sopeira" como era vulgo conhecida em calão da época (nome usual na época, antes de se passarem a denominar empregadas domésticas, ou auxiliares de serviços domiciliários) que nos acompanhou na mudança e, mais tarde, casou de nossa casa para emigrar para França. Quando regressou de férias, tinha eu sete anos servi de padrinho ao filho dela, meu único afilhado o José Alberto Cortez que nunca mais vi e deve ter cinquenta anos... e a única coisa que o padrinho lhe deu foram os dois nomes...pequena herança.

¹ (Mobil Oil, então chamada Socony Vacuum pela junção em 1931 da Standard Oil Co. de Nova Iorque (Socony) e a Vacuum Oil Co. Em 1955 tornou-se Socony Mobil Oil Co., e em 1963 Mobilgas, ou Mobil Oil, que finalmente em 1999, foi adquirida pela Exxon)

Durante a maior parte da minha vida ignorei a mera existência das então denominadas ilhas adjacentes e nunca fiz delas nem plano de vida nem de visita. A minha ignorância era confrangedora, tal como a da maioria dos portugueses no ano de 2005. Entabulara negociações, prolongadas por mais de um ano, com um primo direito da minha mãe para o ir visitar a São Miguel, sem jamais imaginar que ali iria arribar com passaporte para a velhice. Mas isso é uma história para contar noutra ocasião. Pouco ou nada sabia destas terras quando, antecipando as prometidas férias na ilha de S. Miguel, aterrei em junho 2005, pela primeira vez no grupo oriental dos Açores. Bom tempo, quente e húmido (26 °C, 85% humidade). Estavam à espera uns primos direitos da minha mãe, para cá emigrados quando foram corridos da então província ultramarina, vulgo colónia, de Angola em 1975. Nunca mais saíram a não ser em férias.

No aeroporto começaram as complicações pois a bagagem tinha-se extraviado.... Entramos no Porto num pequeno e acharutado avião da Portugália [Embraer EMB-145LR] rumo a Lisboa onde mudámos para um avião maior [Airbus A310-304] da SATA. A vista durante o voo limitou-se a esse vasto e imenso mar salgado das lágrimas camonianas, que separa a Europa do continente americano. Embora não houvesse tubarões visíveis interrogara-me sobre a sua existência nestas paragens, agora que o mundo assiste a uma fase de aquecimento global. Nunca imaginei servir de repasto a esses tão-pouco simpáticos animais que ferozmente povoam de medo a mente dos mais suscetíveis. Vieram à mente as sagas dos navegadores de antanho, à vela e à bolina, desbravando mares temerosos, de fantasmas imaginados e monstros marinhos ainda hoje por deslindar. Frequentemente atacados pelo escorbuto, pela fome e sede, dias e meses a fio sem verem terra firme na miragem de descobrirem novas chãs para a cristandade e os cofres de suas altezas reais. Só com muita fé, medo e necessidade poderiam os marujos de então ter sobrevivido a tanta provação.

De regresso à realidade corrente, no avião foi servida, para jantar, uma sanduíche indescritível (da sua memória nada ficou) e um queque. Só na executiva há direito a refeições. Felizmente não tinha fome nem escorbuto, pois a dose soube a pouco. As malas não chegaram, tinham-se perdido algures no transbordo entre Porto e Lisboa, que nisto de mareantes dos céus ainda hoje se não pode confiar as malas a ninguém. A companhia de aviação, orgulhosamente verde e grená [TAP] era a que mais malas perdia de todas as companhias de aviação que havia na Europa. Ali estava eu em Ponta Delgada, com a minha mulher, enfrentando o dilema de trazermos apenas a roupa que tínhamos no corpo e uma pequena mala a que em Portugal se chama pomposamente “nécessaire” contendo os cosméticos. Pelo menos cheirar mal não iríamos e sempre me poderia barbear, mas teríamos de dormir sem pijama. A cena pior foi a do jantar em casa dos primos. Da comida típica portuguesa normal apenas abomino (e não sou capaz de comer) lulas e polvo, além de que fazia uma certa cerimónia da mulher do primo (apenas a vira uma vez em toda a vida) e logo ela nos havia de presentear com aquele jantar de lulas...

Já em 1980, com outro primo, tivera uma cena semelhante. Estava em Lisboa numa das suas incursões a Portugal, e esse primo direito recém-casado com uma menina muito bem da Linha de Cascais, queria impressionar-me com a sua casa, a sua riqueza, a sua mulher cor-de-rosa e tudo o mais para australiano ver. Ao chegarmos ao jantar iluminado por música clássica e ao som da romântica luz de velas, em castiçais de prata maciça, colocam-me um prato de comida em frente. Iria ficar a deliciar-me durante uns longos vinte minutos. Passeava o garfo em círculos concêntricos ou em espiral, movimentos entrecortados com o saltitar da faca, esboçando novos bailados ou desenhos no molho viscoso e escuro. Imagens que a luz das velas não deixava penetrar...O cheiro intenso e a consistência da carne eram por demais óbvias, maldito polvo. Lá se fora a cerimónia, antigamente denominada “das nove horas”. A jovem esposa teve de ir, de emergência à cozinha, meter no micro-ondas um bife a descongelar. Tive de o comer acompanhado dum arroz, então, já frio. Seria este o meu primeiro e único jantar em casa desse primo, quer durante esse casamento quer nos seguintes. Ainda hoje me interrogo por que nunca mais fui convidado por ele.

Pois bem, regressemos na nossa narrativa a Ponta Delgada, onde depois da falta de bagagem, e do incidente do polvo nada fazia prever novos acontecimentos nefastos. Os primos resolveram oferecer, nessa primeira noite, uma rápida visão urbana da capital da ilha levando-os até à avenida marginal (Infante D. Henrique), ainda bem frequentada apesar de ser já noite alta, com muitas pessoas a pé e muitos carros a circularem. Nessa data ninguém idealizara as Portas do Mar com o novo cais e marina que surgiriam em 2008... Numa primeira abordagem enganadora, parecia mais cosmopolita e dinâmica que a Bragança que haviam deixado ontem. Depois, levaram-nos a ver as vistas do porto, marina e baía, através da esplanada do Clube Naval que em 2001 celebrou os cem anos. À entrada do parque de estacionamento, o carro tocou na berma e lá se foi um pneu. As bermas são basálticas, mas a direito, não são arredondadas. Pelo contrário, erguem-se perpendiculares a dez centímetros do solo, como facas aceradas à espera do incauto pneu que ouse tocar-lhes. Depois de tomarem café e fingirem que nada de anormal se passara, ajudei a mudar o pneu para o de reserva. Tratava-se duma daquelas miniaturas de pneu que atualmente algumas marcas usam como sobressalente. São uma péssima desculpa para poupar espaço e dinheiro, antes se destinando a roubar o comprador da viatura de ter direito a cinco pneus idênticos como era uso.

Voltamos para dentro do Clube Naval, pondo em dia uma conversa com mais de três décadas de atraso, tal fora o vão temporal e geográfico que os seus encontros proporcionaram. Quando íamos sair, por volta da meia-noite, a miniatura a que chamam pneu de reserva estava irremediavelmente vazio. Ali mesmo aprendi também que não era conveniente deixar o carro até à manhã seguinte. A zona era frequentada por emigrantes “devolvidos” pelos EUA e Canadá em virtude de terem cometido crimes e não terem a nacionalidade daqueles países. Mais tarde aprendi que esses repatriados eram responsáveis por grande parte dos problemas sociais da ilha, um inusitado número de crimes, um enorme consumo de droga e outras coisas que o progresso faz ao trazer gente de países evoluídos para ilhas protegidas como estas.

Andamos pela marginal, a pé, o que pareceu ser mais de dois quilómetros (afinal era muito menos) até apanharmos um táxi que deixou as senhoras em casa enquanto fomos comprar um daqueles tubos mágicos que enchem pneus vazios. O desembarque inicial em Ponta Delgada fora atribulado. Nenhum dos presentes se esquecerá durante várias luas.

Fomo-nos deitar, sem roupa para mudar, mas o calor e a humidade assim o permitiam. Na manhã seguinte, levantamos cedo pois nos Açores andam uma hora atrasados. Assim pelas 10 horas do continente batiam as 9 nos Açores. Já o primo, a pé bem cedo, tinha ido comprar pneus novos. Custou-lhe saber que nunca mais iria recuperar esta hora de sono que lhe fora roubada, até um dia ir viver fora do arquipélago.

Nos dias seguintes vimos paisagens da ilha verde num roteiro turístico que nos levou a vários pontos. As Furnas malcheirosas, a quase sempre enevoadada Lagoa do Fogo e as belas Lagoas das Sete Cidades. Começamos em busca de casa depois de termos visto a enorme escola onde a minha mulher iria lecionar – pelo menos – durante três anos. Dizíamos a toda a gente que vínhamos para ficar e queiramos uma casa sem mobília. Vimos poucas e más, todas mui pequenas e com mobília, mas achamo-las caras (500 euros ao mês por um T2 minúsculo com cerca de 40 m² na Maia). Claro que isto era barato comparado com os preços em Ponta Delgada, já então exorbitantemente similares aos de Lisboa.

Tratamos de burocracias relacionadas com a mudança para as ilhas, mas de casa nada, até que surgiu a uns 4 km da escola, a hipótese de uma vivenda pequena de 2 quartos, em vias de conclusão de obras. Tinha um sótão amplo [aqui designado como “falsa”] com uma área razoável cerca de 60 m², mas o teto em telha sem forro, estava à vista sem proteção contra a chuva. Pediram 60 contos mensais na antiga moeda (€ 300.00). Na “falsa” antevi logo um pequeno

escritório com a sua pequena janela com vista para as vacas alpinistas e para o mar. Via-se metade da costa norte até à ponta oeste na Bretanha. Perguntamos ao dono da casa se era possível meter uma placa de madeira (aqui normalmente em criptoméria) para forrar o sótão e ele anuiu. Ficamos contentes. Na manhã seguinte voltamos para ver melhor a casa e tirar medidas a fim de reavaliar o que se iria trazer do enorme apartamento com 200 m² a que chamamos lar durante três anos em Bragança.

A casa estava em acabamentos. Ainda fomos a tempo de indicar onde queríamos algumas tomadas elétricas e de telefone. Atrás, havia um pátio - metade coberto - e depois um enorme quintal de 50 por 20 m com vistas para o mar. Afinal, arranjam casa bem perto da escola, contra todas as expectativas e com muita sorte, visto que na ilha além de serem muito pequenas estão normalmente mobiladas, para o aluguer fácil e rápido aos forasteiros (normalmente professores, essa nova classe de caixeiros-viajantes, ou de caracóis com a casa às costas, que caracteriza o ensino atual em Portugal).

Iríamos ficar mesmo no centro da aldeia. Cedo entendemos que os nativos não gostam que chamemos aldeias às mesmas, acham mais pomposo e digno o termo freguesia. A rua, frontal à imponente igreja datada de 1877, dispõe de um café a dois passos, na esquina de cima, que também pertence ao senhorio, que acumula funções com as de Presidente da Junta de Freguesia. Existem mais dois cafés (tipo taberna) por perto e dois minimercados, uma loja de ferragens, uma bomba de gasolina (em frente aos Bombeiros) e de comércio mais nada, exceto uma delegação da Caixa Agrícola dos Açores com o buraco na parede (ATM).

Regressaríamos assim a Bragança para fazer as despedidas dessa terra mátria que tão bem nos acolhera, deixando nos Açores uma casa alugada, pedido de linha telefónica, de TV Cabo, etc. Após a chegada em definitivo, um mês e meio mais tarde, antecedendo a vinda do contentor, demoraria uma semana para eu me sentar em frente ao meu fiel teclado a fazer o primeiro relato da ilha.

Estava numa aldeia agrícola sobre o mar, as gentes simpáticas, aparentemente muito educadas e corteses. Entendiam-se apesar do sotaque curiosamente difícil de apanhar. Nesta terra, aqui em plena costa norte, ficam localizados numa Lomba, assim denominada por ficar numa elevação, a 4 km da vila piscatória da Maia, implantada numa chã junto ao mar, onde a minha mulher vai dar aulas e onde o João Nigel vai frequentar a 4ª classe (4º ano como pomposamente se lhe chama hoje).

Uma primeira constatação etnográfica: só há agricultores e leiteiros... parece o faroeste dos vaqueiros. Estávamos a viver em pleno centro da aldeia a 20 m da igreja monstruosa de grande, que assusta com o repetido repicar dos seus sinos indicando as horas, as meias horas, os quartos de hora e os desastres naturais e pessoais que vão acontecendo para eventos tais como mortes, nascimentos e casamentos.

A casa demorou mais uns dias do que o previsto, mas ficou pronta a habitar e agora poderiam enfim dizer que era um T2+2 com um sótão onde o senhorio construíra dois novos quartos (o de dormir do João e o de brincar) e para a frente com janela para o mar e montes um pequeno escritório onde cabem 2 secretárias, os PC e auxiliares, arquivadores e 2 estantes. Tínhamos um belo e amplo pátio coberto onde logo colocaram uma mesa de almoçar com um banco de igreja, e um banco de pedreiro, dispendo ainda de um grelhador (BBQ) a gás e uma banca. Depois havia o longo quintal ainda cheio de batatas acabadas de colher, onde tinham construído outro grelhador (barbecue) a lenha com vistas para o mar imenso da costa norte da ilha de S. Miguel.

O clima parece (mas não é) mais ameno que em PDL (Ponta Delgada), menos húmido e mais fresco com temperaturas de 21-25 °C. O mar é mais frio: 20-22 °C e em PDL 23-24 °C... No inverno faz frio 12-17 °C (ah! ah! que saudades dos -12 °C a +43 °C de Bragança) e nevoeiro com vento... O clima muda constantemente e tanto chove como faz sol... As lagoas, as crateras e as baías são um espanto. Os montes e colinas cheios de vegetação estão pejados de vacas penduradas como alpinistas. O peixe (dizem-nos) é muito bom, a carne bastante apreciável (mas menos que a posta mirandesa de Bragança), o pão é entregue todas as manhãs à porta de casa acabado de fazer, e o leite vem diretamente da vaca para casa. Depois disto narrado entregamo-nos à hercúlea tarefa de desmontar o que faltava dos 148 caixotes (36 m³) + mobília + carro que vieram por barco e chegaram à rua com grande espalhafato e algumas interrupções viárias. O camião interrompeu a circulação, meteu as suas sapatas (pás) no chão e começou a içar o enorme contentor para o depositar no passeio, tendo depois saído do seu bojo, a viatura e os caixotes todos, transportados ao longo de várias horas para o interior da casa, até esta ficar praticamente sem espaço para uma pessoa se mover.

CRÓNICA 2 - OLÁ GENTE. 11 AGOSTO 2005

A Lomba da Maia fica numa elevação, a 4 km da vila piscatória da Maia (afinal, parece, mas ainda não é vila, segundo descobri depois) junto ao mar, onde a Nini (Helena) vai dar aulas e o João vai para a 4ª classe. Até agora gostamos disto bastante, estamos numa aldeia agrícola numa Lomba (dorso de um monte que se prolonga para o mar). As gentes são simpáticas, muito educadas e corteses e entendem-se apesar do sotaque curioso. Aqui só há agricultores e leiteiros. Estamos em pleno centro da aldeia a 20 m da igreja monstruosa. O clima muda constantemente e tanto chove como faz sol... As lagoas, as crateras e as baías são um espanto e os montes e colinas cheios de vegetação estão pejados de vacas penduradas das alturas como alpinistas. Depois dumas semanas de bom tempo e sem chuva, tivemos três dias de chuva sem parar e outros três maravilhosos sem chuva. Consta que nada disto é normal, pois o habitual é chover, passar, vir o sol. De início só encontrei duas pessoas antipáticas (por sinal ambas na administração dos serviços de saúde... se calhar precisavam de tratamento). Assiste-se, nesta fase, a uma nova colonização dos Açores. Existem centenas de continentais que para aqui vêm em busca de emprego, normalmente no setor do ensino. As escolas têm uma qualidade superior às do continente, quer em equipamentos quer mesmo em organização, pelo pouco que já observara. A aldeia agrícola onde vivíamos sobre o mar era povoada por gentes simpáticas e corteses que nos tratam com deferência.

CRÓNICA 3 DOS AÇORES 8 SETEMBRO 2005

3.1. OLÁ GENTES

Continuamos a gostar disto, depois dumas semanas de bom tempo e sem chuva, tivemos 3 dias de chuva sem parar e 3 dias sem chuva maravilhosos. Consta que nada disto é normal, pois o habitual é chover, passar, vir o sol, etc.

Empiricamente pude constatar que se assiste a uma nova colonização dos Açores, pois existem centenas, ou até milhares, de continentais que para aqui vêm em busca de emprego, normalmente no setor do ensino. As escolas têm uma qualidade superior às do Continente quer em tipo de equipamentos quer mesmo em organização, pelo pouco que já observamos. A nossa aldeia agrícola sobre o mar de gentes simpáticas, muito educadas e corteses terminou agosto com uma semana de folgedos e festas à antiga portuguesa, incluindo uma sessão de fados à desgarrada (aqui chama-se

cantigas ao desafio) como eu já não ouvia desde a infância. Apesar de difícil pelo sotaque curioso conseguem-se entender. Ainda só encontramos duas pessoas antipáticas, ambas na administração dos serviços de saúde...se calhar precisam de tratamento.

*Amigo tu tens razão
Nos versos qu'agora deste
Vamos ter ocasião
De ouvir o que disseste.
Não sei se somos iguais
À mulher dos desafios*

*Acontece que jamais
Senti desses arrepios.
Minha voz não foi treinada
Para cantar ao luar
A escrever não custa nada
E agora estou a treinar.
Se conheceres alguém
Que tenha uma garagem
Leva-se violas também
Para ver se há coragem.
É assim que fazem cá
À conta do Carnaval
Mas não sei como será
Cantar rima ao natural.*
<http://ideiaseideais.blogs.sapo.pt/144500.html>

Veio gente de todas as povoações limítrofes e havia foguetes, música, desfile de carros alegóricos à vida campesina e quotidiana. Arrematações e leilões de porcos e outros bens agrícolas...além de tasquinhas e venda de bugigangas. A parte pior foi quando a procissão que passava à nossa porta teve de ir em corrida rua acima até à igreja porque o aguaceiro que caía era demais... Continuamos a apreciar e a achar estranho algo que era normal na minha juventude: o pão é entregue todas as manhãs à porta de casa acabado de fazer, e o leite vem diretamente da vaca para casa (há vaqueiros aqui na rua, aliás, creio que em todas as ruas da Lomba da Maia).

A nossa filha mais velha, Bebé, o marido Ricardo e a neta Mariana de 2 anos e meio, estiveram cá 15 dias. Uma noite ouço gritos porque um grilo estava no quarto deles e não deixava a miúda e a mãe da miúda dormir.... la sendo uma tragédia pois como sabem os grilos são descendentes diretos dos dinossáurios... deviam ter ouvido os gritos histéricos, parece que estavam a ser levados pelo King Kong... Se, por acaso, é uma barata que entra em casa, por baixo das portas, é impossível e não podemos ter as janelas fechadas todo o dia, nem queiram saber a tragédia familiar que se põe. Faz-me lembrar a cena dos primeiros dias em que o João estremunhado nos veio contar que havia uma aranha venenosa no quarto (deve ter sonhado que estava na Austrália!) Era um pequeno inseto inofensivo.... Por vezes custa aos urbanos esta adaptação ao mundo rural.

Entretanto com a chuva o nosso capim cresceu 50 centímetros em 3 dias e não sabemos o que havemos de fazer pois há mais de 50 por 20 metros de quintal... Há dias saímos com imenso sol e quando chegámos tínhamos o escritório inundado porque a janela tinha ficado aberta. Ninguém se lembra destas coisas a princípio...

A nossa praia local (a Praia da Viola) tem duas cascatas em plena praia e um aspeto que só me lembro de ter visto em filmes de locais tropicais em ilhas de sonho. Não é vigiada, mas tem um leve problema de acesso, são 4,5 km de estrada a pique (mais de 15% de inclinação) bem no fundo da rua e da Lomba, e é preciso rodear dois montes a pique para chegar até lá.... Depois de chegar (de carro, é claro) são 137 degraus de pedra por entre dois ou três moinhos de água abandonados com pequenas ribeiras e cascatas. O pior é subir aquilo tudo a pé até chegar ao carro, e os locais olham para nós com estupefação pois sobem e descem a pé desde a Lomba e não se lhes nota o ar de cansaço que nós temos só por subir os degraus ...

No fim de semana fomos dar uma volta de carro e no miradouro da Caloura (na costa sul, zona de residências de fim de semana de médicos, escritores e outra gente fina, rica e pretensiosa) havia uma vala profunda no asfalto. Entrei de lado por causa do Audi A4 ser baixo, mas mesmo assim fiquei com uma roda na valeta profunda de águas pluviais. O carro assentou no chão e não havia meio de o tirarmos. Logo de imediato, parou um jipe que se ofereceu para me ajudar, mas a corda com que me ia rebocar partiu. Caía um daqueles aguaceiros que equivalem a um ano de chuva em Bragança, e pararam mais 3 ou 4 carros. Rapidamente seis ou sete pessoas levantaram os 2 mil kg do carro em mãos e puseram-me de novo a circular ao som das suas próprias palmas. Eu estava todo encharcado dentro do carro, os outros piores que pintos, mas todos satisfeitos por terem ajudado outro ser humano. Lembrei-me se alguma vez poderíamos assistir a uma cena destas noutra sítio.

Lembrei-me do estado de quase guerra civil na Luisiana após o furacão Katrina (roubos, violações, assaltos, etc.) e admiti que ainda o ser humano ainda tem algo de valores importantes que o resto da sociedade já esqueceu.

Saudades e até sempre do Cronista Australiano Transmontano Açoriano.

3.2 DA CHEGADA AOS SISMOS VAI O VOO DUM AÇOR NA ILHA VERDE SISMOS – 21/9/2005 13.30 HORAS AÇORES (14.30 LISBOA) 23.30 SYDNEY

A rotina começara a instalar-se. Dentro de dias todos teriam os seus horários a cumprir. Mas nem sempre a vida é o que os homens querem. Há sempre forças superiores a determinar qual o destino de cada um. Dia 21 de Setembro 2005 desde o meio-dia local, (uma da tarde no continente) que a terra está a tremer. Em Vila Franca do Campo (costa sul) a 10 km de Ponta Delgada foram sentidos mais de cem abalos, alguns de grau 6,5 na escala de Mercalli. Na Maia, evacuaram a escola, pois as mesas da escola deslizaram uns metros. Os alunos choraram, a maioria dos professores (vindos do continente) em pânico. Alguns fugiram ainda mais depressa do que os alunos. Uma mãe deixou os filhos pequenos enquanto buscava abrigo. A Proteção Civil acionou os mecanismos devidos. Nessa altura, no café da esquina, andava um polícia a saber do Presidente da Junta de Freguesia e a indagar dos estragos locais. Em toda a ilha apenas se verificaram pequenos danos: caiu a cruz da igreja de Vila Franca e uma casa abandonada em Porto Formoso, mas não houve vítimas.

Na nova casa, não se sentia nada no rés-do-chão. No primeiro andar, na falsa (sótão), tudo tremeu bem durante os dez abalos telúricos. A parte de baixo da casa é em alvenaria ou pedra (assim parece) e a de cima em madeira, o que tem a vantagem de ser mais seguro pois oscila e treme, mas não parte tão facilmente como a pedra. O maior tremor durou apenas uns 4 segundos. Esta crise, segundo disseram os entendidos, é a maior desde há trinta anos tendo começado em 10 maio de 2005. Espera-se que, a continuar assim, a terra trema durante todo o dia e toda a noite...Não há nada a fazer,

só esperar que a hora que está destinada a cada um não chegue. Há que ter calma e ponderação sem entrar em histerias e alarmes injustificados.

E vai mais um... 21 de setembro 2005, 22.30 Açores: Mais dois pequenos sismos na última hora, o que totaliza 20 na aldeia. Isto não é nada quando comparado com mais duma centena em Vila Franca do Campo (na costa sul), onde as pessoas dormindo em tendas irão passar a noite ao relento. Felizmente não está muito frio (16 - 17 °C) para o caso de se ser obrigado a evacuar o abrigo sob telhas. Prevê-se mais atividade para a noite. Como resultado, decidi que o meu filho iria dormir no rés-do-chão hoje, pois fica mais perto da rua e do enorme quintal para onde poderemos fugir, se necessário. Não há casas altas por perto, apenas uma casa em risco de ruir ao lado, mas se a igreja cair os destroços podem chegar até à nossa casa a menos de 100 metros....

A fratura *graben* da Lagoa do Congro passa a poucos quilómetros de casa e segue até à Maia. Amanhã não se sabe se haverá aulas, pois se a atividade de noite for igual à do dia continuarão em alerta laranja: o grau 4 da escala de 5.... As águas da lagoa, perto do epicentro, subiram substancialmente de temperatura, o que é normal quando há atividade das placas tectónicas instáveis como esta. O mais impressionante é a incerteza, os silêncios entre tremores. A dúvida se o próximo vai ser dos pequenos ou quando virá um grande. Medo propriamente dito não há, um certo temor. Como dizia eu filosoficamente aos 18 anos quando proclamava a supremacia da ciência sobre a religião: **o homem é um ser infinitamente pequeno na grande escala das coisas da vida como a Natureza**. O meu desejo era esperar que fosse a natura-mãe e não madrasta. Mas o homem sonha sempre. Uma das coisas que me mantém vivo, é a idealidade. Além de económica tem funções terapêuticas importantes.

Continuo sonhador, idealista, poeta e jovem, tentando justificar dessa maneira a triste existência terrena. Invento sempre novos sonhos que passam a ser desafios pessoais para conquistar novas metas e atingir cumes mais altos. Este desafio da natureza é encarado com um certo pragmatismo inelutável que não devemos confundir com o típico fatalismo açoriano. Como a velha melodia dizia "Que Sera, Sera (Whatever Will Be, Will Be)²"

O João está a aceitar tudo isto com um certo *fair-play* e os pais vão nesta incerteza. Pensam noutros locais do mundo, no furacão que está a assolar Cuba e na Luisiana... e é nestas alturas que deparam com esta realidade, as desgraças que a TV transmite anonimamente de todo o mundo podem também chegar até qualquer um de nós. Pensa-se sempre que essas tragédias só acontecem aos outros até que a dor bem pode morar ao lado.

Sabíamos disto ao vir para cá e tínhamos de aceitar, pois nada se pode fazer. Se a atividade sísmica fosse também vulcânica era bem pior, pois em 1522 (os meus conhecimentos de história local naquela época ainda eram muito fragmentários) a mesma Vila Franca (então capital desta província do reino dos Algarves) foi totalmente aniquilada. Pouca gente sobrou da velha capital e na nova paisagem devastada nada sobrou, a não ser duas das mais belas lagoas e uns quantos picos que ora estão bem verdejantes. Depois disso houve a erupção dos Capelinhos algures na sua memória por volta de 1959 antes da morte do J. F. Kennedy. Os outros mais recentes foram na ilha Terceira e Faial...

Desde o meio-dia local, uma da tarde no Continente, que isto está a tremer. Em Vila Franca do Campo na costa sul, a 10 km de Ponta Delgada já foram mais de cem sismos e alguns de grau 6.5 na escala de Mercalli. Caiu a cruz da igreja de Vila Franca e uma casa abandonada aqui perto em Porto Formoso. Não há vítimas.

Em casa não se sente nada no rés-do-chão, mas aqui no primeiro andar, na falsa (sótão) isto tremeu bem, mas só senti dez abalos telúricos. O maior durou uns 4 segundos. Esta crise é a maior desde há uns trinta anos e começou em maio. E vai mais um...

3.3. SUBVERSÃO DE VILA FRANCA

Consultando os registos aprendi sobre a Subversão de Vila Franca ou Terramoto de Vila Franca, como se designa o grande sismo que na noite de 21 para 22 de outubro de 1522 provocou grandes movimentos de terra e destruição generalizada em Vila Franca do Campo, então capital da ilha.

O sismo teve epicentro a NNW da Vila, derrubou a maioria dos edifícios e desencadeou movimentos de vertente com origem nas encostas sobranceiras à vila que mobilizaram material que formou um lahar que sofreu o povoado. Estima-se que morreram entre 3 a 5 mil pessoas na vila, a quase totalidade dos habitantes de então. Para além da destruição causada em Vila Franca do Campo, o terramoto atingiu as povoações vizinhas, com destaque para Ponta Garça. No norte da ilha, com destaque exatamente para a sua vizinha Maia e Porto Formoso, onde houve centenas de mortos. Um tsunami causou a destruição de vários navios junto ao ilhéu de Vila Franca e algumas dezenas de mortos (centenas segundo algumas crónicas). Gaspar Frutuoso, escrevendo 70 anos após a ocorrência, recolheu uma completa notícia dos eventos e um romance oral a eles referente. A vila assistiu a um calmo anoitecer no dia 21 de outubro de 1522, quando, de acordo com o Romance de Vila Franca...

Quarto de Lua seria:

Era uma quarta-feira,
 Quarta-feira triste dia,
 E em a noite mais serena
 Que o céu fazer podia,
 Inda que corre Levante
 Nada d'ele se sentia;
 Não corre bafo de vento,
 Nem folha d'árvore bolia,
 Estrelado estava o céu,
 Nuvem não o escurecia.
 Ante manhã duas horas
 Inda não amanhecia,
 Começou tremer a terra,
 Mais que outras vezes tremia,
 E a dar fortes balanços
 Parecendo maresia:
 Não treme do baixo a cima,
 Mas para os lados tremia.
 Nem abre boca nenhuma
 O espírito que isto fazia;
 Sacudiu somente a terra
 Dos lados em que feria.
 Sacode a terra dos ombros,
 Com o peso que sentia
 O grão gigante Almoural
 Que deitado ali jazia.
 Movem-se todas as cousas
 Quando seu corpo movia;
 Estrondo que faz a terra
 Roncos são do que dormia,
 Que de ser velho cansado
 Ronca quando adormecia.
 Correu a terra d'um monte
 Que d'alta serra pendia,

² [composição de 1956 de Jay Livingston e Ray Evans servindo de tema musical ao clássico de Alfred Hitchcock: The Man Who Knew Too Much, com Doris Day e James Stewart].

E com ímpeto furioso
Sobre a vila se estendia,
Ali começa a dar gritos
A gente que se afligia,
Deles chamaram por Deus,
Deles por Santa Maria.
Quando chegou a manhã
Nenhum deles parecia
que correu daquela terra
Que sobre a vila jazia,
Essa gente que escapara
Como pasmada morria;
Outra que viva ficava
Vivendo assim não vivia.

Aquela calma seria de pouca dura, já que pelas duas da madrugada de acordo com as *Saudades da Terra* de Gaspar Frutuoso,

...estando o céu estrelado e claro, sem aparecer nuvem alguma, se sentiu em toda a ilha um grandíssimo e espantoso tremor de terra, que durou por espaço de um credo, em que parecia que os elementos, fogo, ar e água, pelejavam no centro dela, fazendo-a dar grandes abalos, com rancos e movimentos horrendos, como ondas de mar furioso, parecendo a todos os moradores da ilha que se virava o centro dela para cima e que o céu caía. E acabando o espaço do credo ou de um pater-noster e ave-maria a todo o mais, e ainda não foi tanto, tornou outra vez a tremer mais brandamente outro tanto...

Durante a madrugada e até ao meio-dia do fatídico 22 de outubro, as réplicas foram muitas e rijas. O grande sismo, que a tecnologia atual permite estimar ter tido epicentro a alguns quilómetros a NNW da vila, na zona do Monte Escuro, e ter atingido grau X da EMS-98 (Escala Macrossísmica Europeia), desencadeou movimentos de massa generalizados por toda a ilha, devido aos solos se encontrarem saturados de água em resultado de chuvas intensas ocorridas nos dias anteriores. Aliás, os terrenos vulcânicos, em particular os constituídos por materiais piroclásticos de baixa densidade, como são os profundos depósitos pomífticos que constituem as encostas do Maciço de Água de Pau, por estimulação sísmica são em extremo propícios a gerar grandes movimentos de massa, autênticos lahars. Ainda nas palavras de Gaspar Frutuoso:

...não houve grota nenhuma, assim da parte sul como do nordeste, por onde não corresse ribeiras de lodo. Diz Gaspar Frutuoso: ...da ribeira para a parte do oriente, onde estava a vila, tudo foi assolado e os moradores todos quase mortos. Somente da mesma ribeira para o poente, escaparam algumas casas, a maioria delas caídas, onde ficaram vivas até 70 pessoas pouco mais ou menos, as quais todas começaram a dar grandes gritos, chamando por Deus e outros por Santa Maria. A massa de lodo soterrou o porto e entrou mar adentro, arrastando muita gente consigo e gerando um tsunami que destruiu as embarcações ali surtas. Continuando a transcrição de Gaspar Frutuoso:

...havia no porto então quatro ou cinco navios abrigados no ilhéu para partirem para Portugal, o que foi causa de morrer mais gente ali onde se ajuntava de toda a ilha para fazer aquela viagem.

Um estudo recente dos depósitos resultantes dos movimentos de vertente de 1522 permite estimar que a escoada de detritos que soterrou Vila Franca teve origem nas cabeceiras da Ribeira da Mãe d'Água, a NW de Vila Franca, ao sul do Pico da Cruz, então Monte Rabaçal. A partir de uma face de rotura esventrada para SSE libertaram-se cerca de 6,75 milhões de metros cúbicos de detritos que correram ao longo da ribeira, com uma velocidade que hoje se estima ser de 1 a 3 m/s, atingindo em poucos minutos o centro da vila e recobrimo-o completamente. As consequências foram trágicas: a parte central da vila ficou soterrada e o porto desapareceu sob uma espessa camada de pedra-pomes. Regressemos por instantes à descrição de Gaspar Frutuoso que é bem eloquente:

...e sendo já dia claro, se ajuntaram algumas pessoas que viviam pelos montes e nas quintas, e os que ficaram vivos no arrabalde, espantados todos dos grandes tremores e estrondos que ouviram; e vendo a vila no estado em que se encontrava, pasmavam. Muitas pessoas de toda a ilha que ali tinham as suas casas, parentes, amigos e conhecidos, mandaram cada um cavar onde lhes soía, uns para tirar os corpos dos mortos, outros para ver se achavam dinheiro e alfaias que tinham em suas casas, outros para fazer o mesmo aos corpos e haveres dos seus parentes e conhecidos. E assim se cavava em muitas partes da vila, e uns achavam mortos pelas ruas e outros em suas casas e leitões, entre os quais achavam alguns vivos. Em uma só triste noite foram acabadas muitas vidas e ficou tudo tão coberto, que nem nobres casas, nem altos edifícios, nem suntuosos templos, nem nobres ou vulgares pessoas pela manhã apareceram, ficando tudo raso e chão, sem sinal nem mostra de onde a vila estivera. Esta catástrofe, que ficou conhecida pela subversão de Vila Franca, marcou profundamente o desenvolvimento da ilha de S. Miguel, fazendo migrar o centro político e económico para a nascente vila de Ponta Delgada, que em breve seria a capital de ilha e continuaria a crescer até ser hoje a maior cidade açoriana e o principal centro político e económico de todo o arquipélago. Não fora o terramoto e esse papel caberia a Vila Franca, vila mais bem situada e com um melhor porto natural. Foi pena, pois a ilha ficou desequilibrada com a capital em Ponta Delgada. Ficaria mais balanceada caso se tivesse mantido em Vila Franca (do Campo).

Se a atividade sísmica de agora fosse também vulcânica era bem pior. Os outros sismos e acontecimentos vulcânicos mais recentes foram na ilha Terceira em 1980, no Faial em 1998... E vou deixar aqui esta crónica tremida e trabalhar.

CRÓNICA 4, SISMOS, 21/9/2005 22.30 AÇORES, 23.30 LISBOA, 09.30 SYDNEY

Para o casal, ainda mal assentes estavam os pés nesta terra verde e já ela se insurgia com estes tremores repetidos. Mantínhamo-nos mais calmos do que a maioria dos que nos rodeavam. Já ontem constatei isso, na escola da Maia. A maioria dos 120 professores estava mais nervosa que muitos alunos e suas famílias. Houve quem dormisse ao relento, outros levaram mantas e uma percentagem da população não dormiu em casa. A atividade parecia estar a abrandar, quer em frequência quer em intensidade, mas os especialistas preveniram que se iria manter. Desconhecia-se se ia lentamente acalmar ou se haveria um maior. Neste caso, os medos são justificados pois a fratura separa a ilha ao meio.

Corria-se o risco de ficarem a ser duas ilhas... A zona afetada deriva da falha na região Fogo-Congro (mais exatamente a Caldeira do Fogo e a Lagoa do Congro, uma falha de direção aproximada N-S) atravessando transversalmente a ilha na sua zona mais estreita (18 km) e mais baixa. Ora a Maia está mesmo nas faldas da parte mais oriental da ilha, contígua à dita falha. Existem estudos (mas não os consegui descobrir) que dizem que era provável num caso de erupções violentas (como as de há 500 anos) que a ilha se voltasse a separar em duas. Parece ter sido essa a sua origem inicial há milhares de anos. Com respeitinho, mas com uma certa ligeireza de espírito assim contavam levar esta crise.

Conta a tradição que, no Outono de 1713, durante um grande terramoto na ilha de S. Miguel, um grupo de freiras saiu à rua em procissão com uma imagem de Jesus que, até então, não tinha grande culto. A elas se juntou o povo com andores e ladainhas e os notáveis da terra com seus trajes de cerimónia. Passaram entre escombros e cadáveres até que um tremor mais forte fez cair a imagem do Cristo do andor para o chão, a qual ficou direita, sem se partir ou sujar. Nesse momento, a terra parou de tremer, o mar amansou e o céu descobriu-se. Assim nascia a grande devoção ao Senhor Santo Cristo dos Milagres. A parte central da ilha de S. Miguel é atravessada por um sistema de falhas, da costa norte à costa sul, abrangendo o maciço de Água de Pau e toda a região da Achada das Furnas (Congro). Num contexto mais geral, a estrutura do Fogo-Congro representa um setor emerso da fratura que se prolonga desde leste da ilha de Santa Maria até à Crista mesoatlântica, a oeste das ilhas Graciosa e Faial. Não se estranha que o sistema Fogo-Congro seja uma das mais importantes áreas sismogénicas do arquipélago, aqui se acumulando tensões que resultam do jogo das placas litosféricas Eurasiática, Africana e Americana. Mesmo em períodos de "acalmia", este sistema regista, em média, 3 a 5 microssismos por dia. Ocasionalmente, a área é palco de uma crise sísmica mais importante, tal como aconteceu em 1989, ou mais recentemente nos últimos 3 anos. A presente atividade enquadrava-se neste contexto geológico e refletia a instabilidade de um sistema que busca o equilíbrio. Numa região como a dos Açores os sismos não podem ser dissociados dos vulcões e esse é, em particular, o caso do observado no sistema Fogo-Congro. Este sistema tectónico abrange o Vulcão do Fogo, a oeste, e um alinhamento de pequenos centros vulcânicos, a leste, que se estende até ao bordo da caldeira do Vulcão das Furnas. Porque falhas tectónicas e sistemas vulcânicos ativos se cruzam nesta zona da ilha é imprescindível que a vigilância sismovulcânica tenha um carácter multidisciplinar, cobrindo todos os aspetos possíveis nas áreas da Geofísica, da Geoquímica e da Geodesia. Uma tarefa que obriga à mobilização de técnicos especializados que, 24 sobre 24 horas, recolhem e interpretam dados essenciais para compreender o comportamento das estruturas, como se fossem peças de um "puzzle" de difícil construção.

Tal como noutras situações similares, os grupos de monitorização vulcanológica do Centro de Vulcanologia e Avaliação de Riscos Geológicos da Universidade dos Açores têm acompanhado o evoluir da situação, reforçando as redes de observação permanente e procedendo a diversos trabalhos de campo. Diariamente são recolhidas amostras de águas e de gases em diversos pontos da ilha que, posteriormente, são analisadas nos laboratórios daquela unidade de investigação. Os dados recolhidos, até à data, mostram que não existe qualquer variação dos parâmetros físico-químicos determinados, facto que confirma a natureza tectónica da presente crise sísmica. Embora se registre um decréscimo da atividade, o número de microssismos registado está ainda significativamente acima do normal. É previsível que a atividade sísmica se venha a prolongar por mais algum tempo.

Mais dois pequenos sismos na última hora, o que totaliza 20 aqui na Lomba da Maia, o que nada é comparado com mais duma centena em Vila Franca do Campo na costa sul, onde as pessoas ficaram ao relento dormindo em tendas. Felizmente não é muito frio (16-17 °C). A fratura passa a poucos km daqui e vai até à Maia a 5 km daqui. Amanhã não se sabe se haverá aulas, pois se a atividade esta noite for igual à do dia continuamos em alerta laranja o grau 4 da escala de 5.... As águas da Lagoa perto do epicentro de hoje subiram a temperatura substancialmente, o que é normal aquando da

atividade das placas tectónicas instáveis como esta. O mais impressionante é esta incerteza, estes silêncios entre tremores, e a dúvida se o próximo vai ser dos pequenos ou quando virá um grande. Medo propriamente dito não há, um certo temor, ou como eu dizia quando filosoficamente aos 18 anos proclamava a supremacia da ciência sobre a religião: o homem é um ser infinitamente pequeno na grande escala das coisas da vida como a Natureza. Esperemos que seja natureza-mãe e não madrasta. O João está a aceitar tudo isto com um certo fair-play e nós cá vamos nesta incerteza, pensando noutros locais do mundo, como no furacão que está a assolar Cuba e a Luisiana... e é nestas ocasiões que deparámos com a realidade, as desgraças que diariamente a TV transmite anonimamente podem chegar a nós. Sabíamos disto ao irmos para cá e temos de aceitar, pois nada se pode fazer.

CRÓNICA 5, 22/9/2005,

5.1. SISMOS 10 MANHÃ AÇORES, 11 LISBOA, 20 HORAS SYDNEY

Como na véspera alguém dissera, o certo é que é mais perigoso andar de carro nas estradas do continente. O João está mais calmo, ao pé do pai, nesta sua primeira experiência telúrica. A estreia paterna fora já em 28 fevereiro de 1969 no Porto pelas 06.27 da manhã. Depois, perdi-lhe a conta. Em Timor havia tremores todos os dias (entre o 5 e o 7 da escala de Richter), embora só um tenha sido suficiente grande para todos se porem a correr em março de 1974 ou 75. Depois, escapei dos vulcões ativos em *Kintamani*, Bali (Indonésia) cujas maiores erupções foram em 1927, 1929 e 1947. Estava em Sidney, a 250 km, quando senti o tremor de Newcastle (Austrália) com o grau 5,6 na escala de Richter, 13 mortos e 140 feridos (10:27 28 dezembro 1989), uma cidade centenária que ficou semidestruída. Já anunciaram: "Amanhã não há aulas" havendo a possibilidade de um grande terramoto como acontecera na Terceira em 1980.

Porque de memórias de eventos similares se faz a história, recordem-se os maiores eventos telúricos do século XX:

1907 - Erupção submarina na Fratura Mónaco - A 1 de Abril detetou-se uma pequena erupção a cerca de 400 m de profundidade no Banco Mónaco (SSW de S. Miguel). Emitiu cinzas e provocou o corte do cabo submarino S. Miguel - Faial.

1911 - Erupção submarina na Fratura Mónaco - Em março detetou-se uma pequena erupção a cerca de 200-300 m de profundidade

1926 - Grande sismo na cidade da Horta - A partir de abril deste ano a ilha do Faial foi sacudida por uma série de sismos de intensidade variável, um dos quais, a 5 de abril, provocou danos em edifícios nas freguesias de Flamengos, Ribeirinha e Conceição, particularmente nos lugares de Farrobo, Lomba e Espalhafatos. A 31 de Agosto, pelas 8 h 42 min., a ilha foi sacudida por um violento sismo que provocou 8 mortos, mais de 200 feridos e destruição generalizada na cidade da Horta, especialmente na freguesia da Conceição, e nas freguesias de Praia do Almoxarife (onde das 220 casas apenas 16 ficaram habitáveis), Flamengos, Feteira e Castelo Branco e na zona compreendida entre a Lomba do Pilar e o Salão. Ao todo ficaram derrubadas 4138 casas.

1957-1958 - Erupção dos Capelinhos, Faial - De 16 a 27 de setembro de 1957 sentiram-se na ilha do Faial mais de 200 abalos de terra, de intensidade geralmente fraca. A 27 de Setembro iniciou-se uma erupção submarina a cerca de 1 km de distância da Ponta dos Capelinhos. A erupção evoluiu formando primeiro uma ilha que, com o aparecimento de um istmo, se ligou a terra. O vulcão manteve-se em atividade até outubro de 1958. O tremor associado ao vulcão e a queda de cinzas e materiais de projeção provocaram a destruição generalizada das habitações e campos do oeste do Faial. Legislação passada pelo Congresso dos EUA permitindo a imigração de açorianos desencadeou um êxodo de que a demografia das ilhas ainda não recuperou.

1963 - Crise sísmica e erupção submarina frente a Sta Luzia, Pico - Entre os dias 12 e 15 de dezembro, os sismógrafos instalados no Faial registaram tremor vulcânico com foco ao largo do lugar do Cachorro, Sta Luzia, costa norte da ilha do Pico. O tremor foi contínuo nos dias 13 e 14 de dezembro. A 15 de Dezembro, com bom tempo e boa visibilidade, diversas pessoas do Faial e Pico avistaram "bolas ou nuvens de vapor" saindo do mar frente ao Cachorro. Não foi recolhido qualquer material e o fenómeno não voltou a ser avistado.

1964 - Crise sísmica em S. Jorge - Uma crise sísmica abalou a parte oeste da ilha de S. Jorge, provocando grande destruição nos Rosais e nas Velas. Ficaram danificadas mais de 900 casas e 400 destruídas. Espalhou-se o pânico na ilha, levando à evacuação de grande número de jorgenses para a Terceira e outras ilhas. Esta crise esteve associada a uma erupção submarina ao largo dos Rosais.

1973 - Crise sísmica no Pico e Faial - A partir de 11 de outubro começaram a ser sentidos numerosos sismos nas ilhas do Pico, Faial e S. Jorge, com particular destaque para a freguesia de S. Mateus e o lugar da Terra do Pão, na ilha do Pico. A 23 de Novembro, pelas 12 h 36 registou-se um violento sismo (grau 7/8 da escala Wood-Neumann) com epicentro próximo a Stº António, no Pico. O sismo provocou graves danos, com muitas casas parcialmente destruídas, muros caídos e estradas obstruídas, em Bandeiras, Santa Luzia, Stº António, e S. Roque, na costa norte, na freguesia de S. Mateus, na costa sul e ainda na Conceição, Matriz e Flamengos, Faial.

1980 - Sismo de 1 de janeiro, Terceira, S. Jorge, Graciosa - Pelas 16:42 do dia 1 de janeiro de 1980, ocorreu um sismo com intensidade 7.0 Richter, uma profundidade hipocentral de 10-15 km, epicentro situado no mar cerca de 35 km a SSW de Angra do Heroísmo. Provocou destruição generalizada dos edifícios na cidade de Angra do Heroísmo, na Vila de S. Sebastião e nas freguesias do W e NW da Terceira, nas freguesias do Topo e Santo Antão, em S. Jorge, e no Carapacho e Luz, Graciosa. Morreram 71 pessoas (51 na Terceira e 20 em S. Jorge) e mais de 400 com ferimentos. Ficaram danificadas mais de 15 mil casas, e outros tantos desalojados.

1981 - Erupção submarina na Fratura Mónaco - Em princípios de julho uma pequena erupção submarina a cerca de 300 m de profundidade foi detetada no Banco Mónaco (SSW de S. Miguel), com emissão de gases e de material basáltico.

1997 - Erupção submarina no Banco D. João de Castro - Na primavera de 1997 a intensa atividade microssísmica registada naquela área, acompanhada de numerosos pequenos sismos (I a III da escala Mercalli) sentidos na Terceira e em S. Miguel levam a admitir a ocorrência de uma erupção submarina, a grande profundidade, no Banco D. João de Castro.

1998 - Sismo de 9 de julho, Faial, Pico e S. Jorge - Pelas 5:19 da madrugada um sismo de magnitude 5,6 Richter com epicentro a NNE do Faial provocou a destruição generalizada das freguesias de Ribeirinha, Pedro Miguel, Salão e Cedros e fortes danos em Castelo Branco (Lombega), Flamengos e Almoxarife, no Faial. Também atingidas localidades do Pico. No extremo W de S. Jorge (Rosais) o sismo provocou grandes desabamentos de falésias. Morreram 8 pessoas, todas no Faial. Ficaram desalojadas 1700 pessoas.

1999-2000 - Erupção vulcânica submarina da Serreta, Terceira - Foram registados microssismos na área a partir de 25 de novembro de 1998. Pescadores detetaram a erupção em finais de dezembro. A erupção decorre de forma intermitente com emissão de gases e de lava basáltica. Não tem provocado sismicidade sentida. Em fevereiro de 2000 a erupção continuava.

A noite passamo-la bem, embora tenha havido 17 sismos, nós não os sentimos e conseguimos dormir seis ou sete horas. Grande parte da população ficou (outra vez) desperta a dormir em carros, nas ruas ou em ginásios em especial nas terras mais afetadas como Vila Franca do Campo (costa sul) ou aqui perto na Maia (costa norte). Nota-se uma grande insegurança nas pessoas com quem contactamos e naquilo que vemos e ouvimos na TV e rádio. A gente mais nova nunca tinha passado por uma crise sísmica tão grande e prolongada como esta e os sismos e microssismos jamais tinham atingido o grau 5 ou 6 na escala de Mercalli.... Existe apreensão autêntica, e os mais velhos estão muito temerosos. Nós mantemo-nos mais calmos do que a maior parte dos que nos rodeiam. Desconhece-se se isto se vai lentamente acalmando ou se haverá um maior, os especialistas preveniram que se ia manter. A zona afetada deriva da Lagoa do Fogo e da falha da Lagoa do Corgo, e atravessa transversalmente a ilha numa zona estreita (18 km) e mais baixa, podendo-se ver ambas as costas. Ora a Maia onde a Nini dá aulas e o João anda, está mesmo nas faldas da parte mais oriental da ilha contígua à dita falha. Como disse ontem a alguém das inúmeras pessoas amigas, que se têm solidarizado connosco nas últimas 24 h através do Skype, telemóvel e telefone fixo, o certo é que mais perigoso andar de carro nas estradas do Continente. Na pior das hipóteses se houvesse um cataclismo, como aquele que formou a ilha (eram duas e juntaram-se) ficaríamos na metade sem acesso ao exterior e sem portos onde nos viessem buscar. O aeroporto fica na metade ocidental da ilha nos arrabaldes de PDL, pelo que como o meu Audi A4 não nada nem voa, não teremos hipóteses de sair... Com respeitinho, mas com uma certa ligeireza de espírito é assim que contamos levar isto. Hoje a Nini foi para a escola da Maia que está aberta embora os alunos estejam dispensados das aulas, mas o João voltou comigo. Irei manter-vos atualizados através destas crónicas, enquanto não tenho tempo de criar o meu blogue.

5.2. SISMOS 22 setembro 2005 14.30 AÇORES, 15.30 LISBOA, 00.30 DIA 22 SIDNEY

A manhã foi calma, mas foram sentidos mais de 30 desde a meia-noite. Nós sentimos dois - um deles, grande, de grau 6 escala de Mercalli - pelas 12.10. Até agora desde as 12 horas já vai uma dezena. Amanhã não há aulas e existe a possibilidade de um grande como na Horta em 1980. Nós calmos, mas a Nini acabada de chegar da escola diz-me que

os professores entraram em pânico e desapareceram, i.e., os poucos que tinham aparecido. Constatava-se que as pessoas não tiveram treino sísmico, nem tinham planos de contingência nas escolas, o Plano Nacional está a funcionar e a escola da Maia é considerado o ponto de encontro de velhos e incapacitados, no caso de vir um grande. Aqui a excitação das pessoas é enorme e nós os dois parecemos os mais calmos no meio disto. O grande abalo desta manhã foi sentido em toda a casa e eu já ia no meio das escadas. Tenho este hábito de desatar a correr ao fim de 3 segundos de tremuras...e já tinha berrado para o João que estava no r/c e este já ia no pátio das traseiras que dá para o enorme quintal.

CRÓNICA 6 PROJETO CULTURAL CMRG 8 – 23 OUTUBRO 2005

6.1. PROJETO DE PATRIMÓNIO CULTURAL A DESENVOLVER COM AS JUNTAS DE FREGUESIA DE Lomba da Maia, da MAIA E CÂMARA MUNICIPAL DE RIBEIRA GRANDE (3 ANOS 2005-2008)

PROJETO DE CANCIONEIRO REGIONAL AÇORIANO:
ANTIGOS BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS – recolha e exposição de brinquedos antigos (latão, papel, etc.), lançamento de papagaios de papel, etc.
PREGÕES - recolha, concurso e divulgação (escrita)
PROFISSÕES - semana das profissões, feira artesanal com trajos de épocas antigas, feira à moda antiga (durante as Festas das Vilas / Aldeias e Cidade), etc.
LENDAS E CONTOS TRADICIONAIS - recolha, colocação em cena, contadores de histórias – publicação (livro/CD). TRADIÇÕES DE NATAL, PÁSCOA, CARNAVAL, etc. – compilação
PROVÉRBIOS, CANTILENAS E LENGALENGAS - recolha, exposição e publicação (livro/CD)
RUAS, RUELAS, PRAÇAS E PRACETAS, SUA HISTÓRIA - recolha toponímica e sua publicação (livro/CD).
Tal como tive oportunidade de fazer com o lançamento em junho 2005 do CANCIONEIRO TRANSMONTANO 2005 (editado pela SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE BRAGANÇA e com o apoio da CÂMARA MUNICIPAL DE BRAGANÇA), pretendo após a compilação preparar a sua publicação em livro intitulado CANCIONEIRO REGIONAL AÇORIANO (S. Miguel).

6.2. METODOLOGIA

Tentar obter uma colaboração multidisciplinar com todas as unidades de ensino (agrupamentos) em todo o Concelho / Distrito (por ex. dentro do âmbito do Projeto Escola), Juntas de Freguesia, com as Unidades IPSS da Terceira Idade, Misericórdias, etc. Promover a participação dos órgãos de comunicação social

6.3. ENCONTROS AÇORIANOS (ANUAIS) DA LUSOFONIA

À semelhança dos Colóquios da Lusofonia que venho organizando desde 2001 pretendo criar já a partir de maio 2006 com caráter anual os ENCONTROS AÇORIANOS (ANUAIS) DA LUSOFONIA visando debater todos os problemas da LUSOFONIA que sejam pertinentes para a população açoriana aqui residente e na diáspora (EUA, Canadá, etc.). Pretende-se dar voz aos autores locais e a temas locais a fim de todos os anos terem um fórum onde possam apresentar trabalhos literários e de pesquisa. Igualmente se visa envolver toda a população a todos os níveis para poder ter forma de expressar a sua voz.

6.4. FINANCIAMENTO

Para o Cancioneiro pretende-se uma parceria entre a Câmara Municipal, as Juntas de Freguesia aderentes e até mesmo a Santa Casa da Misericórdia que podem utilizar este volume como "cartão de apresentação" da região e das suas gentes (a título de curiosidade um livro destes orçava em 2005 (286 páginas, quantidade: 1000 ex., Valor: €2 750,00).

Para os ENCONTROS AÇORIANOS DA LUSOFONIA necessita-se que seja disponibilizado um anfiteatro com capacidade até 100 pessoas, todo o equipamento sonoro, PC, retroprojektor, projetor de slides, projetor de vídeo, TV, e facilidades de impressão do Programa (100 exemplares). NADA MAIS. Relembro a propósito o que afirmei recentemente quanto aos Colóquios Anuais da Lusofonia no jornal Lusitano de 24 de setembro (ver adiante recorte). Por isso, iremos tentar continuar a ser independentes de subsídios. Para aqueles que me não conhecem, vejam o meu CV <https://www.lusofonias.net/mais/chrys-cv.html>

Foi assim nas vésperas de eleições que elaborei o meu plano para o triénio.

Tinha acabado de chegar duma estafante viagem a Bragança para o 4º Colóquio da Lusofonia que este ano incidia sobre Timor. A presença de honra era o Prémio Nobel da Paz 1996, D. Ximenes Belo, a quem servimos de mestres-decerimónias no dia 4 à chegada, ao almoço, durante as sessões e ao jantar que se prolongou até às 22.15 hora a que o Sr. Motorista do Sr. Presidente da Câmara nos trouxe ao Porto para embarcarmos de regresso aos Açores pela manhã de dia 5 outubro. Tínhamos ido ao fim da tarde de dia 30 setembro.

A Helena (Nini) tinha tido uma reunião na escola (daquelas que agora acontecem todos os dias ou quase...) e o João tinha acabado as aulas. Dia 1 de outubro como era sábado descansámos alguma coisa, revimos a família, cortou-se o cabelo, e preparamo-nos para arrancar pelas 15 de dia 2 rumo a Bragança no Mercedes da Presidência da Câmara. Soube bem ser conduzido em vez de conduzir... mal chegamos ao Hotel deparamo-nos com centenas de pastas, documentos e outras coisas para levar na manhã seguinte para o Colóquio. Avisámos a receção para avisarem todos de que ainda não tínhamos chegado para nos deixarem descansados.

Estávamos a tomar um café no ex-pouso habitual, a Torre da Princesa, quando fomos efusivamente cumprimentados pelo Sr. Presidente da Junta de Freguesia decerto desconhecedor de que não íamos votar: nem nele nem noutra qualquer.... Curioso como ele nunca se tinha mostrado tão efusivo, devia ser o efeito autárquicas... Íamos a sair para jantar quando o telefone toca (desvantagens dos telemóveis), era um dos oradores brasileiros em Timor a dizer quer o Sr. Reitor da Universidade de Díli estava pronto para jantar e se se podiam juntar a nós. Assim aconteceu e quando saímos do restaurante Poças já lá estavam para aí uns dez... Viemos para o hotel e com a preciosa ajuda de ex-alunos e alunas da ESE/IPB da Nini lá estivyamos até à meia-noite a preparar as pastas dos oradores e restante material do secretariado do colóquio. Do resto já todos devem saber pelos jornais e TV pelo que não vos maço com detalhes...

Aqui nesta quinzena nos Açores a vida começa finalmente a entrar numa nova rotina. Os tremores são menos frequentes e menos sentidos, mas continuam a existir. Não temos saído tanto quanto pretendíamos porque a minha cara-metade está sempre a preparar aulas, reuniões e coisas quejandas dado que é devido aos professores que não faziam nada que o país está nesta crise e por isso agora terão de se matar a trabalhar para o país sair da crise.

O João continua a ser EXCELENTE em tudo, mas a culpa não é dele, mas da insularidade que nivela por baixo os conhecimentos mínimos dos alunos. Nas horas vagas, vagueia pela aldeia na sua trotineta e os seus inúmeros amigos recentes e adora estar aqui e desfrutar desta liberdade e autonomia.

Há dias confrontei-me com a diferença do preço de gás em botija ao ter de mudar, pela primeira vez desde agosto as duas botijas de gás cujo preço (das duas) não chegou aos 22 euros...vantagem a juntar ao do gasóleo que está nos 75 centimos o litro. A empregada doméstica aufer 25 euros ao dia por 9 (nove) horas de trabalho semanal aqui em casa, e o jardineiro 25 ao mês por vir cá tratar da horta e do jardim.

Para a semana o novo Presidente da Câmara da Ribeira Grande toma posse e logo veremos como vai aceitar a minha proposta cultural.

Entretanto preparo o 5º colóquio da lusofonia em Bragança para outubro 2006 e acedi à vontade da família em que lá fossemos passar o Natal (ao Continente), espero que isto se não torne num hábito que estas viagens custam mais de €500.00 ida e volta para os três e há coisas mais importantes a fazer por esse custo. Que venham cá todos ver-nos era bem mais simpático.

Constato que está a chover, depois de 3 dias secos, o que é anormal aqui. Começo a sentir-me em casa ou será que com a humidade já estou a criar raízes?

As pessoas aqui apesar de serem aparentemente lentas na sua maneira de agir, têm longas horas de trabalho: no café trabalha um genro do dono que começa nas obras pelas 08.00 e quando acaba pelas 17.00 vai trabalhar no café até às 24.00...e exemplos destes há mais. As horas são longas, a semana tem pelo menos seis dias de trabalho, quando não é na agricultura que aí são sete.... todos andam quilómetros a pé ou a cavalo para as distâncias que não sendo grandes são através de percursos acidentados e íngremes. O nível socioeconómico é baixo e isso nota-se a olho nu. Os hábitos de banho ainda não estão arreigados e segundo algumas auscultações, mais ou menos discretas que fizemos, ronda um banho semanal.

A TV local transmite apenas a RTP1 e a RTP Açores. Em 2005 só há 32 mil lares ligados à TV Cabo num universo de cerca de 150 000. A Rádio transmite a RDP (Antena Um e Antena 2) e TSF com conteúdos locais e existem apenas umas tantas outras estações insulares. A vida é calma numa forma geral, todas as pessoas nos conhecem e cumprimentam, mesmo que a gente as não conheça. Toda a gente sabe onde moramos. No café (à noite a frequência é exclusivamente masculina) falam logo mais baixo quando entramos e voltam a falar mais alto depois de sairmos. Pequenos pormenores ou apontamentos desta viagem da vida nos Açores que promete ser a grande e última diáspora: numa ponta oriental do Império (Timor) à outra ponta mais ocidental (Açores).

CRÓNICA 7 AÇORES, 9/11/2005, A APRENDER A VIDA INSULAR

Aqui vão mais algumas notas e observações sobre a vida insular. Há uma semana estávamos a tomar café na esquina, que é propriedade do nosso senhorio e Presidente da Junta de Freguesia, quando fomos abordados por um senhor que nos convidou a ir (nessa noite de sábado) ver uma passagem de modelos no salão dos Bombeiros. Sem sabermos quem ele era, pensamos que era o chefe dos Bombeiros da Lomba da Maia³. Pelas 21 entrámos no salão que já estava apinhado de gente, na sua maioria jovens, mas bem composto de mães e pais de família e algumas crianças.

Ao fim duns 5 minutos fizeram sinal para que viéssemos para a frente pois tínhamos umas cadeiras reservadas junto à passerelle. Ao som de música e com efeitos de fumo a cerimónia começou e nela desfilaram 20 jovens (os mais novos entre os 3 e os 10 anos) durante uma hora e tal. Bastante bem organizados e com um certo profissionalismo, deixaram-nos surpreendidos pois jamais esperávamos encontrar numa aldeia rural um 3º desfile de modelos e roupas...

A participação popular – como era de esperar – constava dos jovens do sexo masculino embasbacados e atrasados mentais frustrados, como é habitual nestes eventos, mas havia muitas jovens, pais e mães. No fim do desfile, houve um discurso de agradecimento no qual se mencionava a presença de pessoas do Continente (éramos os únicos) e de várias aldeias e vilas limítrofes. O João foi entrevistado pelo apresentador e acabou por engasgar-se no nome dele, disse que éramos de Bragança, enfim os nervosismos próprios de quem tinha acabado de participar durante o intervalo num Bingo a favor dos Bombeiros e estava rodeado de três ou quatro amigos aqui da aldeia. Ficou todo contente porque primeiro tinha ido à primeira sessão de fado há umas semanas e agora foi à primeira passagem de modelos da sua vida... O curioso é que este evento teve lugar, o que é uma ótima iniciativa, que visa a participação dos jovens, em vez de os abandonar à sua sorte e desespero como tem acontecido esta semana em França. Assim, eles participam e ocupam umas horas do seu tempo numa atividade sem fins lucrativos, mas de vasto alcance social. Esta aldeia tem iniciativas comunitárias bastante dignas de encómios, para além das tradicionais procissões e festas anuais que visam perpetuar tradições.

Hoje quando vinha de levar o João à escola deparei-me com um grupo de seis cantoneiros que cortavam os arbustos e desmatavam as bermas da estrada. Lembrei-me da minha infância em Portugal em que os cantoneiros nas estradas solitárias de Trás-os-Montes faziam o mesmo, levando a mão ao boné num cumprimento. Perdeu-se esse uso no Continente, mas mantém-se aqui (aliás lá desapareceram de vez os cantoneiros, substituídos por nada!). Um pequeno gesto que os irmana nesse grupo monstruoso a que se dá o nome de humanidade. Cada vez mais se olvida o velho lema “*todos por um e um por todos*”, substituído pelo pragmatismo de cada um para si e todos a lixar todos em proveito próprio. Não haja dúvida que os valores estão a alterar-se substancialmente. Demasiado rapidamente para toda uma geração ensinada a respeitar-se a si mesma e ao próximo, assente em valores como a vida inviolável e em que a violência não era uma realidade quotidiana nem urbana, a menos que se tratasse de países distantes e muitas vezes desconhecidos.

Hoje, dizia eu “*esses valores e esses padrões mudaram numa forma mais rápida entre a sua juventude e a dos seus filhos, do que haviam mudado do tempo dos seus avós para ele...*” De facto, a vida calma e pausada, quase bucólica, descrita pelos escritores românticos portugueses do final do século XIX mantivera-se em Portugal até meados da década de 1950. Da década libertária de 1960 para cá tudo se alterara com a emancipação sexual, a igualdade dos géneros, de direitos, a nova revolução industrial, a que se chama tecnológica, o neoliberalismo desumano. A família deixara de ser nuclear e em grande parte dos casos deixara de ser família. Passou a ter constituição diferente, os pais até podem ser do mesmo sexo, os matrimónios deixaram de ter valor, ultrapassados estatisticamente pelos divórcios e pelos não enlances, situações “de facto” ou nem isso, em que as pessoas se juntam por meros interesses de momento, por indicação das cartas de Tarô ou conjugação de estrelas favoráveis numa determinada fase lunar... De facto, tudo estava a mudar e nem sempre para melhor, tanto mais que o futuro dos filhos era bem mais questionável do que fora na sua infância. Ao fim de quase cinquenta anos em que as pessoas nasciam para levarem uma vida melhor do que os pais tinham tido, hoje punha-se um novo paradigma. Certamente os filhos iriam ter uma vida mais difícil e pior do que a dos pais. Isto, não obstante, estarem rodeados por milhões de tecnologias novas capazes e teoricamente facilitadoras, mas o que tinham a mais em tecnologia faltava-lhes em princípios e em empregos, condenados que estavam a engrossar aquilo que era já tido como premissa imutável: a de haver uma larga percentagem de pessoas que nunca teria emprego pago ou nunca mais o tornaria a ter.

Pois aqui as estradas estão sempre embelezadas por flores da época, começou com as hortênsias (hidrângea, hidranja ou como lhe chamam localmente, novelão) de junho a agosto, depois vêm outras amarelas que parecem candeeiros e a que chamam conteiras ou Rocas de Vénus (Hedychium gardenarum), incensos (Pittosporum undulatum), agapantos (Agapanthus praecox), beladonas (Brunsvigia rosea), no fim de setembro e outubro. Além disto há sempre as imponentes invasoras (e não-nativas) criptomérias (Cryptomeria japonica) orlando as estradas em pequenos bosques acolhedores que nos reportam a uma imagem constante de tranquilidade do Parque Jurássico sem dinossáurios. As conteiras, nome popular para as flores (em que se chupa o seu caule, bem doce, segundo dizem) foram trazidas para as ilhas no tempo da guerra e são oriundas das matas asiáticas. Também se sabe que são umas pragas que não param de alastrar.

Bem sei que isto é fértil e húmido e daí não ser difícil florescerem, mas a verdade é que as estradas (e estou a falar de vias municipais e caminhos rurais) estão bem enfeitadas e sem arbustos. Um sério contraste com o abandono que se verifica no Continente onde as Juntas de Freguesia nem dinheiro têm para mandar limpar as bermas das estradas, sempre embrulhadas em disputas com o IEP ou lá como se chama a substituta da velhinha JAE (Junta Autónoma de Estradas) que bem cumpria a sua missão em períodos bem mais difíceis com menos dinheiro..

A terra tem tremido menos ou nós pouco sentimos tais tremores, enquanto nos acostumámos a este novo e diferente clima, com pequenas variações de amplitude térmica anual e diurna, mas onde faz frio mesmo que os termómetros não o

³ Era o professor Manuel Sá Couto que viria a tornar-se um grande amigo até falecer em 2014

digam, onde no verão a humidade fazia dos 26° C um calor semelhante a 35° C e onde agora 17° parecem 5°... pois a humidade penetra e se há vento então é cortante. Não há geada, mas o carro aparece coberto duma película húmida. A mesa onde repousa, há muito, o tabuleiro de xadrez, em vidro, esperando um Godot que o queira jogar, se não for limpa todas as semanas cria mofo. Parece que a solução passa por adquirir um desumidificador como tive na década de 70 nessas terras húmidas asiáticas de Macau.

Há dias fui à farmácia da Maia onde nunca tinha entrado antes para pedir um medicamento que aparentemente necessita de receita, e a senhora farmacêutica lá mo aviou sem receita e lá me foi dizendo que a minha mulher que era professora, ali ao lado, lá tinha estado dois dias antes.... Aqui todos nos conhecem e nós não conhecemos ninguém. Quando contratámos a empregada (atualmente designada como técnica auxiliar de ação doméstica) ela já sabia onde morávamos e que íamos todas as manhãs tomar café aqui ao lado, apesar de nunca termos visto a cara dela antes. Além disso um filho dela é aluno da Nini ...

O João continua a chegar a casa, e depois dos trabalhos feitos, lá vai na sua trotineta visitar os amigos que vivem a uns 300 metros daqui, voltando pelas 18.00 para tomar o seu duche, pôr a mesa e brincar até se deitar. Adora isto e se lhe perguntam diz que isto é melhor do que o Continente. Muitas vezes, uns primos que vivem em Ponta Delgada, telefonam a perguntar quando lá vamos à civilização, e embora por vezes isso faça bem, o certo é que a maior parte das vezes sentimo-nos bem aqui... Além do projeto cultural que enviei às autoridades para apoio e aprovação estou a pensar numa dinamização do turismo local, mas deixo os detalhes para mais tarde...

Felizmente nas últimas semanas entrou trabalho de tradução e como é habitual, o PC principal deixou de funcionar... tive de o mandar para o Porto (onde se constatou que não tinha nada ...) pois aqui nunca há peças e se me dissessem que era a placa gráfica tinha de esperar umas semanas até chegar outra... Essa é uma das graves deficiências locais, nunca armazenam nada e dependem de Lisboa para tudo que devia existir localmente em estoque ou ser fabricado cá o que pudesse ser fabricado. Falta ainda um certo engenho e ousadia a esta gente, mas depois de começar a (re)ler um livro intitulado A GENTE DOS AÇORES (de Caetano Valadão Serpa, edição Prelo Editora de julho / agosto 1978) já começo a perceber porquê... resquícios do feudalismo que aqui imperou e ainda se manifesta coartando toda a iniciativa. Assim vou aprendendo, isto de viver em ilhas tem muito que se lhe diga.

CRÓNICA 8, 19/10/2005, DOS CAGARROS AO CHÁ AÇORIANO E AO MEU 7º ANO DO LICEU

8.1. Campanha SOS Cagarro 2005. 19 de outubro

O meu filho ontem estava muito preocupado porque os colegas lá na Escola andavam a fumar cagarros. Para quem não sabe os cagarros são uma ave típica daqui que nada tem a ver com os charros que se fumam. Irá decorrer mais uma vez este ano a Campanha de sensibilização ambiental e conservação do cagarro. Esta Campanha foi iniciada há 10 anos pelo DOP e pela DRA e tem como objetivo primordial envolver as populações no salvamento dos cagarros juvenis junto às estradas e na sua proximidade. A Direção Regional do Ambiente organizará, no próximo dia 21 de outubro, pelas 16:00 uma sessão pública sobre o tema "como salvar um cagarro..." na EcoTea do Faial, no Castelo de São Sebastião.

A envergadura das asas do cagarro varia entre 100 e 125 cm. As fêmeas pesam em média 780 g. Os machos são maiores do que as fêmeas e aproximam-se das 900 g. Esta ave nidifica ao longo do litoral de todas as ilhas e em alguns ilhéus, incluindo setores inacessíveis em falésias. Para fazer o ninho escolhe preferencialmente cavidades naturais e fendas na rocha, podendo também reutilizar luras de coelho no solo ou escavar o seu próprio buraco, que pode atingir alguns metros de profundidade.

O ciclo reprodutor tem uma duração de quase 9 meses, estendendo-se desde finais de fevereiro até finais de outubro, e apresenta grande sincronia entre as diferentes fases. A postura ocorre de fins de maio a início de junho, a eclosão nos finais de julho e a emancipação dos juvenis entre finais de outubro e início de novembro. Após esse período, os cagarros reúnem-se em grandes bandos e efetuam migrações transequatoriais, nomeadamente, para a costa do Brasil e do Uruguai.

No mar é frequente observar bandos de cagarros a alimentar-se em associação com outros predadores marinhos, tais como cetáceos e tunídeos, que dirigem as potenciais presas para a superfície. Na sua dieta incluem-se pequenos peixes pelágicos (como por exemplo, chicharro ou cavala e pequenas lulas e crustáceos). Os seus cantos são peculiares e inesquecíveis. O seu voo é caracterizado pelos poucos movimentos de asas e pela agilidade com que rasa as ondas. Em contrapartida, quando aterram e têm de se deslocar em terra são muito desajeitados com as populações mundiais a reduzirem-se nas últimas décadas o que leva a considerar esta espécie como vulnerável.

Em meados de maio, com a postura de um único ovo por casal, dá-se início à história da vida das cagarros. A cria, entretanto, nascida permanecerá em terra até meados de outubro, momento em que os progenitores deixarão de aportar à ilha para a alimentar.

Durante alguns dias os jovens vivem das suas reservas até que são obrigados a enfrentar o mar. Divagarão pela imensidão do Atlântico durante pelo menos 7 anos, avistando ao longe as costas de Pernambuco e da Nova Inglaterra, regressando à ilha natal quando atingirem a maturidade sexual onde disputarão um local para nidificar de preferência próximo ao sítio onde nasceram.

Se sobreviverem a temporais, lutas, armadilhas em terra e no mar, viverão mais de três décadas entre o mar e o céu apenas vindo a terra para se reproduzir.⁴



ILUSTRAÇÃO: GONÇALO CABACA – IMAGEM DOP CALONECTRIS DIOMEDEA BOREALIS (CRIA DE CAGARRO) LAJES, ILHA DO PICO, AGOSTO 2003.

Ora bem, lá lhe tivemos de explicar que era difícil fumar estes animais mesmo quando recém-nascidos ou jovens que estão a ser objeto do projeto SOS Cagarro...se calhar havia colegas lá na escola era a fumarem charros...pois há umas semanas atrás houve um colega dele que foi levado para a esquadra...

8.2. ANIMAIS E COMIDA, O DILEMA

Há cerca de duas semanas fomos convidados pelo Sr. Presidente da Junta (o nosso soba como afetuosamente o considero, em vez de o tratar como regedor cá do sítio) que por acaso é o nosso bem amável e prestimoso senhorio. Disse para irmos pelas 10 horas de domingo para assistir à matança do porco ou pelas 11 se não quiséssemos assistir ao evento. Assim fizemos, é sempre mais saudável não ver o que os pobres animais sofrem quando são preparados para nos servirem de alimento. Ainda ontem, Sir Paul McCartney, esse grande Beatle se recusou a ir à China pela forma como ele tratam os animais. Ah se ele visse como os portugueses tratam os animais quando vão de férias e os abandonam nunca mais cá vinha...

Bem, lá fomos sendo recebidos pela mulher do anfitrião, já de avental porque estava na cozinha a aprontar os comes, ela que às quartas e sábados é a cabeleireira cá da aldeia. Foi-nos mostrar a mansão de cinco quartos, quatro casas de banho, duas salas de estar e duas de jantar, mais uma falsa (sótão). Cá fora havia um pátio tipo árabe, com um enorme BBQ (barbecue=grelhador) e ar de pouco uso.

⁴ Retirado do livro Percursos – Paisagens Habitats de Portugal da editora Assírio & Alvim. Recorte de jornal – a história de um cagarro com 23 anos.

A propósito do BBQ (grelhador tenho de narrar uma cena a que assisti na casa em frente). Após longos meses de chuva e frio, os vizinhos puderam finalmente convidar uns amigos e fazer um Barbecue. Talvez porque há um certo risco envolvido na atividade, este é o único tipo de cozinha a que um verdadeiro homem se deve dedicar. Contudo, não é tarefa fácil. Quando um homem aceita fazer o Barbecue põe-se em marcha uma cadeia de ações:

- 1º) A mulher compra os alimentos;
- 2º) A mulher faz as saladas, prepara as batatas fritas, o arroz e a sobremesa;
- 3º) A mulher prepara a carne para ser cozinhada, tempera-a, coloca-a numa travessa e leva-a ao homem que já está à espera ao pé do grelhador, de cerveja fresca na mão; Aqui vem a primeira parte realmente importante da questão:
- 4º) O homem coloca a carne na grelha;
- 5º) A mulher vai para dentro e põe a mesa;
- 6º) A mulher apercebe-se que o homem está com os outros homens a contar anedotas e vem cá fora a correr a avisar que a carne se está a queimar;
- 7º) O homem aproveita e pede-lhe mais uma cervejinha fresquinha;
- 8º) A mulher vem cá fora trazer a cerveja e uma travessa...e é então que aparece a segunda parte importante do processo:
- 9º) O homem tira a carne da grelha e entrega-a à mulher;
- 10º) Depois de comerem, a mulher tira a mesa, lava a louça, arruma a cozinha e lava a grelha;
- 11º) Toda gente dá os parabéns ao homem pela fantástica refeição que ele preparou;
- 12º) O homem pergunta à mulher se lhe soube bem o tempo de folga de que usufruiu e, perante o ar chateado dela, conclui que há mulheres que nunca estão satisfeitas com nada...

Tinham um quintal a sério (eu achava que o nosso era grande com 25 por 80 metros, mas aquilo ali era maior que um campo de futebol, com horta e estufa para morangos, várias plantas para consumo doméstico, e um anexo onde se procedia aos preparativos do porco. No jardim pastava uma burra sem sela que fazia as delícias do nosso rebento João durante horas. Nessa zona do terreno estava um animal encorpado da raça porcina, aí com uns 200 a 300 kg, já imóvel e exangue a ser depilado. Em volta estava o sogro do nosso Régulo com os seus ágeis 81 anos, um genro que é o nosso canalizador, pintor, e outras coisas como reparador de telhas (lembra-se da tempestade em que chovia cá dentro, ele foi o homem das telhas e já tinha sido o que nos canalizou a máquina de lavar louça, etc.). Estava ainda outro jovem (Tiago Hintze Mota), o futuro genro da filha mais nova que está a estudar Animação Cultural nas Caldas e não a louça. Creio que nada terá a ver com as obras do Rafael Bordallo Pinheiro que não é conducente a ser bem aceite pela moral estrita cá da terra. Estava ainda a filha mais velha do casal que nos dias de semana toma conta do café do pai onde vamos tomar a nossa bica ou Pavoni ou Cimbolino, etc.... Havia ainda outra casa mais pequena, no pátio tipo árabe, no terreno (e contígua à mansão principal) que continha uma garagem onde cabem o Mercedes do dono, e vários outros utensílios, ladeada por um salão com cozinha totalmente apetrechada, forno, etc. onde se encontravam outros membros de sexo feminino cá da comunidade. Ao fundo do quintal havia outra garagem ara a carrinha de vaqueiro e demais instrumentos agrícolas.

Depois de cumprimentados os membros da família que ainda não tinham sido formalmente apresentados aos forasteiros, foi dada uma volta pelas instalações domésticas. O João foi andar de burra pela arreata da mãe e eu a observar paulatinamente que é para isso que tenho fama de escritor, tudo observando e nada mais fazendo. Quando viemos para dentro a dona da casa disse que era costume os homens servirem-se primeiro e só depois se serviam as mulheres noutra compartimento, mas que ela pusera um lugar na mesa dos homens, ao meu lado, para a Nini se sentar. Obviamente que em terra de romanos se faz como eles, pelo que ela prontamente se dignou aceitar a honra de ser mulher e ser só servida duas ou três horas depois de os homens terem degustado os melhores pedaços do porco recém-abatido. O João apesar de criança teve lugar na mesa dos homens, o que lhe deu um certo espírito machista sempre útil nesta idade de afirmação identitária. Depois do almoço, os homens que fumavam vieram cá para fora e aí tive uma conversa deveras interessante com o futuro genro, o Tiago, através do qual vim a saber que era um dos herdeiros da Casa de Chá da Gorreana (a quem eu inicialmente tinha a mania de chamar gonorreia por achar que os dois nomes eram similares). Convém abrir aqui um parêntesis para explicar que a Casa de Chá desta ilha não é um sítio onde se vai pelas 5 da tarde tomar uma "cup of tea" mas sim onde se planta, trata e vende o chá. Aliás é uma das duas únicas explorações de chá da Europa, sendo a outra a de Porto Formoso (a 5 km desta) onde fomos em agosto ver o plantio, tratamento e demais aspetos da produção do Pekoe, Orange Pekoe do Broken Leaf

Ora bem, este jovem que estava no almoço atrás descrito, o Tiago, noivo da filha do meu senhorio, é sobrinho do falecido Melo Antunes, esse coronel que eu conheci como major nos idos de 1973 e a quem devo quase tudo da minha indoutrinação política quando com ele coabitei em Leiria durante os meses de abril a setembro 1973. Falámos longamente da atividade do Melo Antunes e do seu primeiro casamento com a irmã da mãe deste Tiago e vim a saber coisas interessantes dos tempos da grande conspiração anti-regime em que o Ernesto de Melo Antunes aqui esteve exilado (aliás ele foi recambiado para cá pelo Marcelo Caetano uma segunda vez para melhor preparar o golpe do 25 de abril em março de 1974. O regime era mesmo estúpido! Escusado será dizer que nas 24 horas seguintes vim devorar o livro intitulado Melo Antunes o Sonhador Pragmático da autora Maria Manuela Cruzeiro e Boaventura Santos, editado pela Círculo de Leitores e adorei. Nunca me passara pela cabeça que esta terra simpática e de gente afável podia ter sido o coio de tais arrivistas revolucionários que destroçaram o Império Português... Melo Antunes foi relevante para a minha formação tal como outra pessoa antes dele me havia impressionado positivamente de 1965 a 1967, quando foi meu professor de Moral no antigo 6º e 7º ano do Liceu Normal D. Manuel (hoje, Rodrigues de Freitas, no Porto), o Padre Mário de Oliveira, o famoso padre Mário de Macieira da Lixa (Felgueiras) ...

Adiante na imagem, sentado ao meu lado esquerdo (de que lado mais poderia ele sentar-se?). Tudo isto nas imagens se passa em maio 1967 escassos meses antes de ele ser enviado como Capelão Militar para a Guiné em novembro desse ano, e onde esteve até março 1968 quando foi expulso de Capelão Militar por pregar o direito dos povos colonizados à autonomia e independência.



Ao meu lado o Jorge Alvarez. O jovem, de óculos é o médico Mário (Oliveira) Dessa, ao lado do Carlos Macedo, e atrás deste estão o Chico Nazaré e Tó Paim. O jovem careca numa das fotos é o Gomes da Torre, atualmente professor jubilado da Faculdade de Letras, que quando era estagiário e meu Prof. de Inglês discutiu em pleno exame de 7º ano na oral com o Carlos Macedo, o jovem de mão no queixo no centro da foto que leather era para os humanos e skin para os animais. Nunca esquecerei esse momento e eu a assistir ...hilariante.... Coincidentemente fui reencontrá-lo em maio de 2005, pela primeira vez desde 1967, numa Conferência do ISAI onde obviamente não lhe recordei esse incidente.... Mas curiosamente ele lembrava-se de mais pessoas nestas fotos que eu próprio incluindo os nomes deles. Devemos ter sido uma turma inesquecível. Creio também que foi nesta noite que apanhei o meu pifo número uno, já se estavam todos a rir com o meu brinde, a pensarem que tinham de me trazer a casa.... Ao lado da professora de Filosofia está o Rui Terrasseca (melhor aluno da turma juntamente com o banqueiro Vinagre), e na ponta esquerda o Carlos Villas Boas Tavares sentado ao lado do Prof. de História.

Bom, voltamos aos Açores, onde o porco estava ótimo e nem me recordava já de ter visto o seu estertor e a preparação final.... Pelas 4 da tarde já as mulheres tinham almoçado (nós almoçamos pelas 12:30) e vim para casa trabalhar enquanto a Nini ficava a ver fazer as morcelas e, no quintal, a burra já fugia do João e pedia folga.

8.3. DE AQUECEDORES A GÁS E OUTROS INSTRUMENTOS

Nestes dias mais recentes aconteceu uma coisa inevitável: tivemos de comprar um aquecedor porque embora a temperatura nunca tenha baixado de 11° C o certo é que a humidade mata-nos e à noite é um frio de rachar na sala de jantar e sala de estar. Tentei a Worten e liguei para lá, mas o modelo que escolhera pelo catálogo da Internet não existia nos Açores, disseram-me que podia encomendar do Continente e só demorava uns 21 dias a chegar, mas teria de pagar portes. Perguntei que modelos tinham e disseram-me que nenhum.... Vim a saber mais tarde que apenas 17% dos lares açorianos dispõem de aspirador, e eu queria um aquecedor catalítico grande a gás? Liguei para a Singer, Worten, e outras marcas aqui representadas e nada. Acabei por descobrir na cadeia local de hipermercados Solmar, aqui perto na Ribeira Grande, três ou quatro modelos entre os 80 e os 120 euros. Fomos lá ver e acabamos por trazer um.

Nisto e como em muitas outras coisas os Açores fazem-me lembrar Timor (1973-75). Se querias um rádio tinhas de esperar pelo barco para encomendares e passados seis meses depois do pedido o barco trazia o que querias de Singapura ou Hong Kong. Aqui é semelhante. Nunca há nada disponível e tudo vem do Continente. Uma dependência que me espanta ou talvez não.

Bem com o aquecedor no carro pensei que era só chegar a casa e ligar... mas não, além da botija de gás butano convencional tive de comprar um tubo de 30 cm com capacidade de x disto e y daquilo para uma pressão de z bares, com um acoplador para a botija e duas abraçadeiras, o que fiz aqui no Ananias, dono da loja de ferragens da aldeia que também vende botijas de gás. Finalmente nessa noite iria ver TV sem congelar.

No dia seguinte ainda satisfeito com o calorinho que à noite tivéramos a ver TV, a Nini resolveu meter-se no duche, porque as banheiras aqui só existem em casa de ricos, e qual não é o meu espanto quando a certa altura me chama lá de baixo, a dizer que não tinha água quente. Eu estava aqui em cima na falsa a trabalhar no PC. Fui a correr trocar a botija, mas nada. O esquentador não arrancava, a chama piloto acendia. De facto, acendia a luz indicadora verde, mas a chama não irrompia nos seus tons flamejantes e quentes. Fui a correr ao café ver se encontrava o maiorial - dono da casa - a quem contei o infortúnio e ele disse-me que sendo assim não podia dizer à minha senhora para ir lá a casa dele tomar banho e aquela hora ia ser difícil, mas como estava ali um electricista, ele viria cá ver. Assim se fez e o jovem prestável electricista veio, viu os circuitos elétricos e inteirou-se daquilo que já narrara sem poder acrescentar nada visto que o problema era obviamente duma origem que não era elétrica.

Depois tivemos - eu e o João - de aquecer na chaleira elétrica dois litros de água que metemos num recipiente misturando com água normal fria da torneira para ajudar a tirar a espuma de cima da minha cara-metade que se queixava de que estava cheia de frio (estava assim há cerca de 20 minutos) e ora se queixava de a água estar a ferver ou demasiado fria, mas lá acabamos por conseguir e ela saiu do chuveiro. Cerca de 24 horas depois, e após terem cá passado por casa mais duas ou três pessoas que não eram especializadas na matéria, mas queriam tentar resolver o problema, veio finalmente um técnico de esquentadores que se deslocou da cidade da Ribeira Grande a ver o que se passava. Eram impurezas acumuladas, provavelmente durante a fase de obras a que a casa foi sujeita antes da nossa chegada, que haviam impedido o normal funcionamento do aparelho novo e ainda no prazo de garantia. Mais um problema resolvido.

Estes burgueses citadinos sempre tiveram uma certa dificuldade em lidar com as adversidades de quem vive num meio rural. Já era assim dantes e continuará a ser sempre que houver transições. O povo português vive há séculos a transformar-se. De rural para citadino. Esta transição, no sentido inverso, que eu encetara há uns anos também não estava desprovida de dificuldades. Para debater este e outros problemas similares, dado o atual estado do ensino em Portugal não espantaria a ninguém que surgisse em breve outra brilhante tese de mestrado a culminar um dos cerca de 836 inúteis cursos de licenciatura existentes.

8.4. DO LIXO E SEPARAÇÃO DE RESÍDUOS

Vou terminar com a cena do lixo. Aqui há recolha de lixo duas vezes por semana e fora isso só temos um ecoponto com as 3 cores da praxe. Cada casa tem o seu contentor assinalado com o brasão da cidade da Ribeira Grande e a morada da casa. Só que este contentor é demasiado pequeno e enche rapidamente. Vieram recolher o lixo na terça-feira, hoje era quinta-feira, dia de recolha, mas sendo feriado, não houve lixo. Ora bem, nós já tínhamos o nosso cheio. Durante os primeiros tempos o João ia ali à esquina meter num contentor que julgávamos ser coletivo, mas depois disseram-nos que era da loja de ferragens.... E nunca mais lá metemos o nosso lixo... Hoje decido pegar nos quatro sacos de lixo que se haviam acumulado desde terça-feira, juntá-los num daqueles sacos gigantes de 100 litros e ir ao pé do cemitério onde há um contentor que parece ser coletivo, mas não deve ser, e como não há grande movimento junto ao cemitério ao fim da tarde lá metemos o nosso lixo...

Pequenas coisas que nos enchem o quotidiano de atividades interessantes.

8.5. Breve nota histórica sobre o chá nos Açores



FLOR E FOLHAS DA PLANTA DO CHÁ E A PRODUÇÃO NOS AÇORES BOTÂNICA FÁBRICAS DE CHÁ DA GORREANA E DE PORTO FORMOSO

O caratere chinês para chá é 茶, com duas formas distintas de se pronunciar. Uma é 'te' que vem da palavra malaia para a bebida, usada pelo Dialeto Min. Outra é usada em cantonês e mandarim, que soa como chá e significa 'apanhar, colher'.

Esta duplicidade fez com que o nome do chá nas línguas não chinesas se dividisse em dois grupos. Línguas que usam derivados da palavra Te: alemão, inglês, francês, dinamarquês, hebraico, húngaro, finlandês, indonésio, italiano, islandês, letão, tâmil, sinhala, holandês, castelhano, arménio, galês, e latim científico. Línguas que usam derivados da palavra Cha: hindi, japonês, português, albanês, checo, russo, turco, persa, tibetano, árabe, vietnamita, coreano, tailandês, grego, romeno, suaili e croata.

A utilização do chá, ao que parece, começou por ter um carácter medicinal e o seu uso como bebida, preparada a partir da infusão das folhas de chá, data de há milénios. Segundo a lenda deve-se ao imperador chinês Shen Nung (2737 A.C.) a descoberta das propriedades estimulantes da folha do chá. O tratado de Lu Yu, primeiro tratado sobre chá com carácter técnico, escrito no séc. VIII durante a dinastia Tang ajudou a immortalizar o papel da China como responsável pela introdução do chá no mundo. Nele foram estipulados pela primeira vez uma série de preceitos de carácter técnico.

No início do séc. IX a cultura do chá foi introduzida no Japão por um monge budista, Saicho, que trouxera da China algumas sementes. A cultura resultou com êxito e desenvolveu-se rapidamente. Produziu-se então nestes dois países, China e Japão, uma evolução extraordinária, talvez única na história dos produtos de consumo humano e que tocou não só o domínio técnico e económico, mas também, e principalmente, os domínios artístico, poético, filosófico e mesmo religioso, envolvendo o consumo de chá nestes dois países, mas principalmente no Japão, um cerimonial por vezes complexo, mas sempre de grande significado.

A Europa só conheceu o chá num passado mais recente. As referências mais antigas que se encontram na literatura europeia respeitantes ao chá devem-se a Marco Polo no relato da sua viagem assim como a seu compatriota Ramusio, em escritos que datam de 1559, e ao português Gaspar da Cruz que a ele se refere numa carta dirigida ao seu soberano. A sua introdução neste Continente só se veio a verificar no início do séc. XVII, em consequência do comércio que então se estabeleceu entre a Europa e o Oriente. Teriam sido os holandeses a trazer pela primeira vez o chá à Europa, sendo responsáveis pela intensificação do seu comércio mais tarde desenvolvido pelos ingleses. O chá era importado por intermédio da famosa "Tea English East Indian Company", que detinha o monopólio do comércio de chá com a Ásia e que em 1715 se estabeleceu em Cantão passando a gozar de uma situação privilegiada. Esta manteve-se até 1833, altura em que se viu forçada a procurar novas fontes de abastecimento; virou-se então para as possessões da Inglaterra na Ásia (Índia e Ceilão) onde introduziu a cultura, primeiro na Índia e depois em Ceilão.

Na Inglaterra, o seu consumo intensificou-se rapidamente e a partir de meados do séc. XVIII o chá tornou-se a bebida de eleição de todas as classes sociais. É de sublinhar a popularidade que ainda hoje goza neste país, sendo bem conhecido o lugar que esta bebida ocupa na vida de todo o cidadão britânico. A sua popularidade estendeu-se aos países onde a influência inglesa se fez sentir, primeiro nos EUA depois a Austrália e o Canadá, sendo o chá a bebida mais consumida em todo o mundo.

Em território português, presentemente, o chá só é cultivado em S. Miguel nos Açores onde a cultura, que se pratica desde finais do século XIX, é feita, contudo em pequena escala. Apesar de no Continente ter sido tentada a sua cultura, nomeadamente no Minho e no Alentejo, hoje restam apenas algumas destas plantas, que existem com carácter ornamental.

A planta do chá é designada por *Camellia sinensis* (L.) e na botânica pertence à família Theaceae. É uma planta lenhosa e de folhagem persistente. As folhas são alternas, de pecíolo pequeno, elípticas, dentadas e normalmente coriáceas, apresentando-se glabras ou ligeiramente pubescentes na página inferior ao longo da nervura principal. As suas folhas mais jovens e os gomos, parte da planta utilizada na produção do chá comercial, são cobertas por um fino indumento branco e sedoso que mais tarde vem a desaparecer. É este indumento, aliás, que está na origem do nome dado ao gomo terminal: Pekoe, da palavra chinesa pak-ho que significa cabelo ou penugem branca. As flores, pequenas, são brancas, geralmente com 4 ou 5 pétalas, aromáticas e aparecem nas axilas das folhas em grupos de 2,3 ou 4. O fruto é uma cápsula tricoca com 2 ou 3 cm de diâmetro. Dada a grande dispersão que a planta sofreu desde o início do seu cultivo até aos nossos dias e a livre hibridação entre os vários tipos geográficos, não tem sido fácil para os botânicos a descrição das variedades existentes. Contudo, atendendo ao fator geográfico, consideram-se três variedades principais de *Camellia sinensis*, que podem ser reconhecidas na região de origem desta planta. São: var. *Sinensis* (chá da China), var. *Assamica* (chá de Assam) var. *Assamica ssp. Lasiocalyx* (chá do Camboja ou Indochina). Estas variedades cruzam-se entre si originando múltiplos híbridos. Em 1874, chegaram aos Açores (Ilha de S. Miguel) as primeiras sementes de *C. Sinensis* - a planta do chá - e, alguns anos mais tarde, foram chamados dois especialistas chineses que se dedicaram a ensinar aos fabricantes locais as técnicas de preparação das folhas. Todas as variedades de chá provêm dos rebentos jovens desta planta, as diferenças derivam do clima, do período da colheita e do tratamento a que são submetidos posteriormente. Chegaram a funcionar na Ilha mais de uma dezena de plantações com fábrica própria. Entre elas a Gorreana que explora 23 hectares, uma área capaz de produzir cerca de 40 toneladas de chá seco. São necessários em média, cerca de 4 kg de folhas de chá fresco para obter 1 kg de chá seco pronto para infusão.

A Gorreana produz chá verde e chá preto ortodoxo, assim designado porque durante o processo de transformação das folhas estas ficam na sua maioria, enroladas e inteiras - tal como acontecia com o chá que era trabalhado com as mãos e não por meio das novas tecnologias, que deixam as folhas partidas ou esmagadas. O processo de transformação tradicional ortodoxo do chá compreende várias fases:

Emurchamento - esta operação tem como objetivo murchar a folha, ou seja, fazê-la perder água por evaporação, para que não quebre durante a fase seguinte de enrolamento. As folhas são estendidas em camadas finas em tabuleiros sobre redes metálicas através das quais se faz passar uma corrente de ar quente, a temperatura controlada, forçada por ventiladores. As folhas pelo emurchamento perdem cerca de 25-50% do seu peso, num processo que demora de 16 a 24 horas.

CRÓNICA 9 DOS AÇORES. QUATRO MESES INSULARES E REVISITANDO MACAU. 11 DEZEMBRO 2005 -

9.1. OLÁ GENTE

Faz hoje quatro meses que escrevi a minha primeira crónica dos açores. Isto continua a ser uma aldeia de gente trabalhadora, gente simpática, muito educada e cortês. Mas há peculiaridades para além do sotaque curioso.

Passaram-se quatro meses desde que chegamos a S. Miguel. Continuamos a viver e a gostar da aldeia, com pouco ou nada digno de reportar. Sempre a mesma lufa-lufa diária a que todos se entregam, cumprindo rituais centenários, sem queixas nem arrependimentos. Como se tal fosse o desígnio que um qualquer deus lhes tivesse imposto, para ser seguido sem hesitações. Há uma certa fatalidade no ar, que se manifesta na forma como não reagem aos infortúnios, antes os aceitando, quiçá, como se ainda hoje fossem castigos divinos. Nada a dizer, recebem melhor os forasteiros do que os de Bragança, que são mais desconfiados dos de fora e temem tudo o que eles possam fazer. Aqui quando uma pessoa "trata bem os da terra e os ajuda, eles retribuem" dando-lhes tudo e todo o apoio. Aliás, jamais esquecerei essas palavras que me foram ditas ainda antes de me estabelecer na ilha. Mas há peculiaridades para além do sotaque curioso.

Ainda ontem à noite quando saímos para ir ao café da esquina "Eurobar" constatámos que a Nini era a única mulher presente, de manhã e à tarde (até ao anoitecer, lá pelas 17 ou 18 horas) anda-se veem mulheres de todas as idades em grupos, ou sós, mas de noite o café mais parece uma taberna cheia de homens a beberem os seus vinhos e cervejas e por vezes a jogarem às cartas.

Um certo machismo rural ou uma herança do feudalismo que ninguém ousa comentar? Onde estão as minhas amigas radicais feministas quando agente precisa delas? Curioso como este tema é tabu e as pessoas se retraem quando se lhes fala nas mágicas palavras começadas por feudo...há uns certos sorrisos amarelados, um desviar do olhar, uns movimentos imperceptíveis de boca, meros trejeitos sem som, nem sequer chegam a ser esgares, um encolher de ombros:

Parece restar ainda um certo temor da palavra, como se tivesse ácido e queimasse. Como se fora uma imoralidade caseira que não deva ser discutida ao ar livre, fora do lar. Como se fosse a sífilis ou outra doença venérea, em finais do século XIX. Todos as tinham, mas ninguém se queixava nem ia ao médico. Uma espécie de lepra, uma nova peste, que como pandemia ou epidemia não se divulga para não assustar, como se assim a pudessem conter. Tolerava-se que um forasteiro as pronuncie: os da terra nada têm a dizer. Como escreveu Caetano Valadão Serpa (in "A Gente dos Açores")

Nos Açores, desde a injustiça social na distribuição das terras pelos capitães donatários até ao ruir das esperanças de progresso para a camada popular, que praticamente nunca beneficiou grande coisa dos empreendimentos agrícolas, comerciais e industriais da vida das ilhas, de qualquer tempo. Esta sempre albergou em si a ansia de se libertar duma vida e onerosa em terras estagnadas, ricas é certo, mas duma riqueza tantas vezes nas mãos de gente indolente e falha de iniciativa, desejosos de se enriquecerem ainda mais, mas completamente alheios ao progresso da terra e mais ainda ao bem-estar daqueles que eram instrumento da sua prosperidade. ... Quem chamou aos arquipélagos atlânticos "As ilhas adjacentes" não imaginou decerto a carga negativa que este qualificativo trazia consigo... Há ali implícita uma ideia de subordinação passiva - no caso a uma Metrópole continental -... Foi perante a evidência desta situação...que os açorianos, descrentes da terra e crentes em si mesmos, intensificaram a sua emigração...

Pode acontecer que os que saíram e emigraram tenham tido a coragem de se libertarem dessas grilhetas medievais que parecem ainda hoje permear a sociedade rural micaelense. Os que ficaram, temerosos, sentem-se menos corajosos por não terem tido essa coragem de sair e de se libertarem. Como tal, podem sentir-se agrilhoados por séculos de privações e provações, injustiças de toda a ordem, sem direito a reposição de nada...

A ida ontem ao café não estava planeada, mas foi causada por uma inundação na casa de banho com a água a surgir da parte de baixo da sanita. O senhorio, dono do café e Presidente da Junta lá nos disse que de manhã o genro cá viria resolver o problema. De facto, pelas 8 e meia cá estava. Desmontou a sanita, viu, e descobriu que a caixa de fossa onde se armazenam as águas da sanita e do banho estava muito compacta e não estava a escorrer para o esgoto da rua.

O motivo, aparentemente, era devido à minha preocupação ecológica de reduzir os fluxos de água no autoclismo e que obviamente eram insuficientes para fazer a dissolução dos resíduos domésticos na caixa da fossa antes de desaguar no esgoto que desce pela rua abaixo, presumivelmente até ao mar, pois aqui não há ETAR nem coisa que se pareça. Está visto que a ecologia aqui não medra e causa destes problemas. Lá temos a sanita repostada e resselada a descarregar 50 litros em vez de 15 ou 20 litros. O cheiro intenso desapareceu. As visitas (se as houvera) já poderiam ir ver o pátio e o quintal sem serem assaltadas olfativa mente. O João achou imensa piada. Entreteve-se a descarregar, com a mangueira, centenas de litros de água pela fossa abaixo. Isto destinava-se a ajudar a dissolver os sólidos fétidos e desagradáveis, à vista e ao olfato. Trabalho repugnante, nauseabundo e repelente. Deveras assustador para qualquer urbano. Verifica-se aqui mais outro erro ecologicamente censurável com este inócuo desperdício de água da mangueira pela fossa abaixo...A interrogação podia ser como provar aos autóctones que aquilo que sempre fizeram é hostil ao ambiente. Iria ser difícil

convencê-los ou dissuadi-los. Por outro lado, como se pode constatar a passagem dum ser urbano a rural demora menos do que se pensa quando se é jovem, mas a dificuldade aumenta proporcionalmente à idade.

Esta tarde, já sem o desagradável cheiro que parecia provir diretamente das Furnas, tivemos cá a presença duns tantos miúdos da aldeia que vieram jogar como o João na sua PlayStation e no computador. Isto funciona quase como um OTL (Ocupação dos Tempos Livres) e tem bastante meios para as necessidades locais. A Nini que entra agora na última semana do período não tem tempo para nada e esteve a trabalhar e a preparar coisas para a escola.

Decidimos, entretanto, que este ano será excepcional pois iremos a Portugal (ao Continente) passar o Natal, mas a partir de agora quem quiser que nos venha cá ver e visitar e/ou passar o Natal. Já em Bragança acontecia isto, e era sempre a nossa vez de ir passar o Natal ao Porto. Uma das queixas frequentes entre os locais, vulgarmente designada como o preço da insularidade, é o custo das passagens para o Continente e vice-versa. Poder-se-ia pensar que foram concebidas propositadamente onerosas para a população local não emigrar, mas creio que é para a população local não ficar em minoria com a quantidade de pessoas de Portugal que viria cá se fossem mais baratas, depois eram capazes de gostar e transformavam isto num inferno. Em Bragança, eu dizia aos nativos que a autoestrada era um falso progresso, era melhor não terem uma autoestrada para não perderem a boa qualidade de vida.... O movimento desertificador da estrada podia reduzir a população indígena. Lá se iria a boa qualidade de vida... Já em Bragança eu lhes dizia ...

9.2. SEXO LIVRE

Há dias descobri o meu filho a fazer uma busca na Internet de sexo livre. Ficou de castigo e pensei que ele era ainda um felizardo pois os ideais de 1968 ainda se justificam naquela cabeça. Mal sabe ele que nada é livre nesta vida e muito menos o sexo. Teve de levar uma repreensão a que acrescentei os perigos de vírus nessas buscas. Acabou por confessar que havia sido um colega mais velho do que ele que o incentivara a fazer a busca. Mais um problema que resultou na implantação de vários sistemas de censura de acesso a todos os pesquisadores da rede e controlo de acesso ao correio eletrónico e serviço de mensagens escritas.

Na idade dele escrevia eu românticos bilhetes de amor... Em frente à nossa casa em Maria Pia, havia uma "ilha" onde viviam dezenas de pessoas, incluindo o meu primeiro alfaiate e os seus dois filhos (Adalberto e Chico) com quem, apenas muito ocasionalmente, podia ir brincar ao sair da escola. Ao lado da entrada para essa "ilha" morava o taxista da zona que tinha uma filha chamada Tina (provavelmente dois ou três anos mais velha que eu) e para quem ia, dissimuladamente, colocar pequenos bilhetes amorosos e declarações juvenis na caixa do correio, ficando depois à janela à espera dum sinal. Nunca recebi nenhum sinal ou, então, ela nunca recebeu essas primeiras missivas de amor escritas em pequenas folhas arrancadas dum qualquer caderno de cópia com uma caligrafia decerto bem certinha e trabalhada à filha do taxista que vivia em frente à casa dos meus pais. Lembro-me igualmente do grande desgosto por a jovem Tina (assim se chamava a jovem) nunca ter correspondido àquele bilhete.

Uma das atrações da Tina, confessei muitos anos depois, era o pai dela ser motorista de praça (vulgo taxista, com o seu Mercedes 180D de teto verde e o resto do carro negro) que era a minha ambição máxima naquela idade. Ser taxista não me importunava desde que andasse sempre de carro. Esta característica arrastou-se até muito tarde. Embora nunca tivesse tido um táxi, só para mim, mais tarde fui "pendura" de ralis e fiz milhões de quilómetros ao volante em vários continentes, guiando dos dois lados da estrada. Vivi sempre a conhecer os modelos de todos os carros que via e dos que sabia existirem pela Europa fora e até mesmo nos EUA, lembrando-me, ainda hoje, de modelos que nunca mais existiram para cá da década de 1960, e que há pouco temo aquando de uma mudança de casa descobri ter guardado o álbum de cromos de carros de 1960 e pouco.

Mais tarde fizeram-me ver que seria, sem dúvida, devido às pressões sociais existentes mais do que a qualquer deliberada rejeição. Creio que com a idade própria dos jovens em 1958 ainda me não apercebera das diferenças sociais e devo ter encontrado algo de atraente naquela cara, mas como os tempos mudam agora busca-se sexo livre aos nove anos.

Carros na família ainda havia poucos além do meu avô materno, os meus três tios e alguns primos apenas. Era um bem ainda fora do alcance de muitas bolsas. As proibições nesse tempo eram muitas e raramente pude brincar com crianças da minha idade. Essa proibição iria manter-se durante a adolescência sem nunca ter entendido muito bem quais as razões para tal proibição. Foi sempre apanágio meu nunca sair, raramente era convidado e mais raramente ainda podia convidar fosse quem fosse. Crê-se que a minha mãe, apesar de ter a casa esmeradamente limpa e apresentável, não gostava de intrusos a observarem o seu conteúdo, a sua torre de marfim. Mesmo as amigas e colegas dela raramente a visitavam. As poucas pessoas que passavam o limiar da porta eram normalmente familiares e apenas os mais chegados (avós maternos, tios, primos).

O meu acesso, na mesma idade deste meu filho mais novo, não era à Internet e restringia-se ao Meccano criado em 1934. Essa britânica invenção, que juntava peças perfuradas, parafusos, porcas e vários outros apetrechos, permitia incentivar a imaginação para utilizar recursos limitados. Podiam-se criar formas e objetos, proporcionais à quantidade de peças que fossem comprando para se aventurarem a voos mais altos e acessórios mais complicados. Era um entretenimento de dias. Eu brincava também, e disso a memória estava bem clara, com uns carrinhos metálicos. Eram um pouco maiores que os Dinky Toys e Corgi Toys. Com eles fazia corridas aproveitando a forma de retângulo dos mosaicos do chão da casa de banho. Pouco mais tinha de diversões caseiras. O meu modelo favorito era um de seis, feitos para a Dinky, em França e posteriormente em Hong Kong: n.º de referência 57-005. Um Ford Thunderbird azul-marinho descapotável que fizera corridas loucas. Os Dinky Toys foram lançados pela Meccano em 1934 e duraram até 1979. Os Corgi eram na escala 1:48, a partir de 1967 passaram para 1:42, e durariam até 1983.

Para além disso havia sempre muitos livros infantis e não só... Pena que a internet não tivesse sido inventada na minha infância para descobrir novos mundos e explorar os velhos, tal como fazia na miríade de leituras, umas obrigatórias impostas pelo regime educacional do seu pai, e outras permitidas como sendo próprias do entretenimento da idade... Seria este o momento de dar especial destaque ao excepcional livro de Selma Lagerlöf "A maravilhosa viagem de Nils Holgersson através da Suécia", "Rob Roy" de Walter Scott, Mark Twain e as "Aventuras de Huckleberry Finn" pelo Mississípi, "Ivanhoe" de Walter Scott, um livro cujo título esquecera de Herman J. Mankiewicz (autor de Citizen Kane), "Robinson Crusoe" de Daniel Defoe, uma ou outra lenda de santos como Joana d'Arc, a coleção de "Os 5" de Enid Blyton, ou mesmo as "Aventuras dos 7" da mesma autora, os quadrinhos de Tintim em francês, aventuras de dervixes algures perto do Corno de África, a expedição ao Polo Norte de Robert F. Scott, caçadas de leões, alguns livros sobre o faroeste. Uma outra banda desenhada favorita era Michel Valliant... e tantos outros livros religiosamente guardados numa estante, em casa da mãe, prontos a serem retirados de lá para um cantinho especial que um dia há de criar para as suas recordações de infância.

Nada disto igualava em prazer a escuta dos relatos radiofónicos dos jogos de hóquei em patins em campeonatos do Mundo com nomes míticos como Adrião, Velasco e Bouçós, muito antes do Livramento e outros nomes. Lembrava-me de ter menos de nove anos. Ir para a cama no Verão significava deitar-se pelas 20 horas, com o sol no horizonte, ainda bem alto, e as portadas fechadas para não se ver a luz. O rádio ficava no primeiro andar e JC dormia no segundo andar. Era frequente ficar a pé a ouvir o relato, ao cimo das escadas. Descalço para não fazer barulho no chão que, eventualmente, poderia ranger com os seus passos. Sem que os seus pais, a sua avó ou a empregada dessem conta dessa incursão auditiva. A irmã deveria ter uns 3 ou 4 anos e já estaria a dormir nessa altura, no quarto dos seus pais.

Pequenos prazeres proibidos do tempo em que ainda não havia televisão. Creio que a primeira chegou já eu teria uns dez ou onze anos lá para 1959 ou 1960. Assistir a um Festival da Eurovisão era uma festa. Não me recordava quando começara a ver esses festivais que ainda hoje existem e tiveram início em 1956. Antes disso, reunia-se ao sábado a família, em casa de uns tios que já dispunham desse aparelho. Essa caixinha mágica de madeira castanha, com botões como os do rádio, era uma atração irresistível.

Prendia-nos, horas a fio, a contemplar a mira técnica. Uma atração magnética e incompreensível, levando a interrogações sobre como a imagem era transportada pelo éter hertziano...e os levava a ver programas, sem qualquer interesse pessoal. Ainda se lembrava bem da delgada e bela imagem desse figurino de mulher que era a Isabel Ruth (nascida em 1940) que se tornara na sua primeira paixão televisiva, daquela que, mais tarde, ficaria conhecida pela sua intervenção no filme "Verdes Anos" (1963) e fora dirigida por Pasolini em *Edipo Re* (1967). Na TV lembrava-se dela e do já então idoso Ruy (?) Sacramento que já devia ter uns 80 anos. Mais tarde, vieram os apresentadores eternos, a Isabel Wolmar e o Henrique Mendes, nós estávamos ansiosos pelo início da emissão que era pelas 18 ou pelas 20 horas, a memória já não se recorda desses detalhes. Depois, começava o tormento das noites de quinta-feira com as touradas no Campo Pequeno ([mais detalhes em Crónica 31.3.](#))

9.3. PRÓS E CONTRA SOBRE MACAU, A VERGONHA Açores 14 dezembro 2005

Dia 12 dezembro 2005, à noite, assisti a um programa dos canais generalistas de televisão, "Prós e Contras" da Fátima Campos Ferreira, o que raramente faço, pois estava interessado em observar o que iria ser dito seis anos após a transição do poder em Macau. Para os que não sabem ou não se lembram ali estive colocado de dezembro 1976 a março 1983, embora só lá tivesse vivido a partir de 15 janeiro de 1977 e até 15 janeiro 1982.

Pouco sei de chinês falado (mais propriamente cantonense) embora ainda consiga balbuciar algumas frases elementares, mormente em relação a comida. Aprendi imenso com os chineses, ou não tivesse eu casado com uma macaense com quem vivi de 1979 a 1992. Com eles aprendi o significado da palavra paciência e a ideia de que se deve programar e agir com vista a um futuro longínquo e invisível. Sei que os valores morais e materiais do nosso mundo ocidental ali de nada valem, conforme a minha inútil cruzada contra a corrupção e o nepotismo o viria a provar. Mas saí de lá com a cabeça bem alta e a bolsa nada recheada, ao contrário de praticamente todos aqueles com quem me cruzei lá.

Não terei grande autoridade moral para falar da China e de Macau, mas tenho alguma, alicerçada nos anos todos em que depois do meu emprego como economista na CEM (Companhia de Eletricidade de Macau) tinha os meus inúmeros e bem-sucedidos programas de rádio, prolongando-se até à meia-noite ou até às duas da manhã. Lidei com muita gente, dos 750 funcionários da CEM, 150 estavam sob a minha alçada indireta e 32 sob a minha direção imediata nas três secções da Divisão de Serviços Administrativos. Convivi com eles, partilhei das suas festas, e aprendi o valor incomensurável da palavra tempo que ali surge com outro significado.

As normas sociais eram bem distintas de todas as outras que eu conhecera quer em Portugal quer em Timor-Leste, onde estivera antes de rumar a Macau.

Um dia no meu gabinete entrou-me um dos administradores japoneses muito sorridente com um envelope contendo alegadamente um cheque (digo alegadamente porque não sei se já prescreveu...) e qual é o espanto dele quando eu abro o envelope e lhe digo que não, que devia ser engano, que não podia ser, etc. Ele pensando que estava ofendido pela quantia (a ser um pagamento regular faria de mim milionário em poucos anos) recuou às vénias dizendo que iria substituir o cheque por outro.

Claro está que lhe fiz ver que eu era diferente. A minha mãe chama-me estúpido, como estúpido me chamou o meu chefe que no mesmo período em que lá estive comigo conseguiu colocar um milhão na Suíça...certamente acumulando aquilo que eu recusara. Limitei-me a declinar a oferta antes de saber que ela se devia a uns meros 10% de "luvas" pelo valor da assinatura anual que eu iria apor em documentos de compra de peças sobressalentes para a Central e que iriam ser fornecidas pela Mitsubishi (construtora e fornecedora da Central). Dado que, por ano eu assinava uns AUD\$ 333.000.000 (dois milhões de dólares de HK\$) = 21 000 000 euros,⁵ creio que posso berrar bem alto quão estúpido fui ao recusar os 10%, mas não me arrependo embora só a terminação daquele número já me desse jeito hoje.

Ora bem, estava eu a ver o tal programa da RTP1 quando começo a ouvir falar dos "Portugueses que deram novos mundos ao mundo", e doutras aleivosias semelhantes. Pensei enganei-me no século, isto não está a acontecer. Ali diante dos meus olhos, o ecrã mostrava uma cena passada na RAEM (Região Administrativa Especial de Macau) Território Chinês desde sempre e um grupo de lusofalantes a discutirem o mérito dos portugueses e da sua ação em Macau? Decerto que eu alucinava, mas eis-me perante esse grande escritor macaense (há quem lhe chame mais português que os portugueses) que é o Henrique de Senna Fernandes (mais velho que o Mário Soares) e ouço a Fátima não-sei-das-quantas perguntar "mas então se se sente tão português porque é que não se foi embora no dia a seguir à entrega de Macau?" Desisti ali mesmo, ela já ofendera um professor universitário chinês, tradutor de Eugénio de Andrade e outros, ela já ofendera os macaenses que ficaram em Macau, ela já ofendera quase toda a gente, e ali continuava ela a bater na mesma tecla do Grande Império Português...e Império para aqui, Império para ali, citando sempre "aquela data em que terminou o Grande Império..." "Então, porque é que não se foi embora? E como pode um homem tão orgulhoso em ser português ficar a viver aqui num Território Chinês e morrer aqui?"

Estas perguntas martelavam-me os ouvidos e eu sem saber o que pensar ou fazer, mas com pena de não ter acesso ao satélite de transmissões e acabar ali mesmo com aquela vergonha. Era como se alguém perguntasse a um casal constituído por um elemento chinês e outro português, no dia a seguir à transição da Administração Portuguesa, se ainda podem continuar a viver juntos agora que o chinês manda e o outro já não...

Como é que aquela mulher se podia mostrar tão ignorante, insensível, mal-educada e hostil para com os que a receberam? Outros macaenses que bem conheço e portugueses que lá ficaram e conheci bem, ainda a tentaram desviar daquele rumo, falando do futuro, criticando Portugal, mas ela de nada queria saber exceto para manifestar o seu desagrado por Portugal ter entregado Macau à R.P. da China.

Ela já se esqueceu dos anos em que estagiou ali na RTP Macau com a Judite de Sousa, e o Zé Rodrigues dos Santos andava pelos corredores da Rádio? Nada aprendeu no tempo em que lá esteve? No tempo em que aparte algumas instituições terem Portugueses à frente e as ruas ostentarem nomes bem-soantes em português ninguém sabia onde ficavam a menos que fossem ditos em chinês? Em que a Avenida Sidónio Pais era Sidonau Pasi e outras do género?

Ou será que no tempo em que lá esteve nunca se apercebeu que legalmente Macau era Território Chinês sob Administração Portuguesa. Que Macau nunca foi Português? Pasma de ver tanta ignorância, comentava eu ao ouvir o alarve que o meu cartão de jornalista profissional chorava lágrimas de verdade ao confrontar-se com este exemplo de jornalismo à portuguesa...

Felizmente que os chineses e a sua cultura milenar (apenas têm mais uns milhares de anos que a dos portugueses), são corteses e educados e não a puseram logo no olho da rua...e ela vai voltar satisfeita a pensar que magnífico programa ali fez. As caras de gozo do advogado Jorge Neto Valente, do Jorge Rangel e do arquiteto Marreiros exemplificavam a pena que sentiam por aquela anormal. Não me admirava que ela recebesse já outro Globo de Ouro por este programa. Não

5 (vinte e um milhões cento e oitenta e três mil euros)

me revejo nem aliás alguma vez me revi neste país, nesta pátria de que falava a Fátima Campos. É esta arrogância portuguesa que me irritou sempre nos aviões e aeroportos de todo o mundo, esta insignificância com manias de grandeza, que agora se reproduz em dez campos de futebol para estarem às moscas, para um aeroporto da OTA sem futuro, para um TGV para espanhol ver e outras quejandas. É esta a Lusofonia que eu não quero e que me leva a sentimentos de repulsa quando vejo proposta uma bandeira da Lusofonia com a esfera armilar...e por que não com os cinco castelos e ainda o de S. João Baptista de Ajudá que já ardeu nos idos de 60?

Para não perdermos o comboio da Europa vamos ter um TGV, mas já perdemos os comboios todos que diariamente são arrancados dos carris e substituídos por TIR nas nossas estradas, para que sejamos o país da Europa com mais mortos na estrada que em qualquer guerra civil. Qual comboio, quando a saúde, a educação, a justiça são o que são? Quando as famílias portuguesas vivem miseravelmente com um nível de vida e uma qualidade de vida inferior aos dos chamados países de leste e em vez de se investir nessa melhoria vamos investir em mais elefantes brancos e obras faraónicas. Para quê? Para mostrar aos outros que somos os maiores e os melhores.

Para eles verem da janela do TGV as fachadas degradadas de milhares de prédios onde vive gente sem qualidade de vida ou de casa, e as barracas que ciclicamente as Câmaras anunciam que vão demolir?

Para verem naquilo em que tornaram o Algarve, uma enorme construção LEGO de cimento, rodeada de campos de golfe para os nossos 9 milhões de praticantes da modalidade, que consomem a água do Alqueva que afinal não serviu para a rega?

Para verem os nossos campos agrícolas abandonados como eu os vi no distrito de Bragança?

Para verem as filas de autocarro (as maiores e mais lentas da Europa), as filas para o médico, para isto e para aquilo?

Para verem os nossos estádios de futebol vazios de gente, com jogadores que não recebem salário enquanto os seus presidentes enriquecem?

Para verem os nossos museus fechados quando as pessoas podiam ter disponibilidade para os visitar? (afinal para que servem os museus se temos os melhores Shoppings da Europa e onde todos vão nos dias feriados e fins de semana?)

Será que do TGV se conseguem ver as listas de espera dos hospitais, e as dos tribunais? Um país de falidos em que todos têm dinheiro para ir ao Brasil de férias... Ainda bem que foram os portugueses quem "descobriu" o Brasil. Imaginem que se fossem os espanhóis ou os ingleses não havia índios como eles fizeram na América do Sul e na Austrália aos aborígenes. Mas que país é este de fama machista e recheado de pedófilos?

Lá fora brilham as luzes de Natal em todas estas aldeias e vilas, mas eu gostava era que fosse natal sempre e não apenas quando os calendários mandam. Eu é que estou sempre errado e nunca me conformo com a maioria que nos domina e nos dita as leis. Sou eu quem estive sempre mal e não o mundo que me rodeia, mas ainda bem que assim continuo nesta idade, é sinal de que afinal estava certo e as minhas opções eram as acertadas. Os outros? Quero que se entretenham a ver programas de TV como aquele que descrevi, pois, serão muito mais felizes e contentes e este país bem precisa de gente mais contente.

TODOS OS DIAS DEVÍAMOS OUVIR UM POUCO DE MÚSICA,
LER UMA BOA POESIA,
VER UM QUADRO BONITO E, SE POSSÍVEL,
DIZER ALGUMAS PALAVRAS SENSATAS.
GOETHE

Inédito não publica

Badana 1

Na lenda havia um Rei Artur, Sir Galahad, cavaleiros da Távola Redonda e uma busca do Santo Graal. Aqui não há nem Dom Quixote, nem Sancho Pança nem moínhos de vento, contra os quais espadanar.

Há apenas um aprendiz de escriba, cavaleiro da poesia e utopia, temeroso e aventureiro, sequioso na sua aprendizagem constante de outras línguas, hábitos e culturas.

De Trás-os-Montes, sua mátria desconhecida, partiu à conquista do "lulic" em Timor Português, dos hippies em Bali (Indonésia), sobrevivendo a um "Anno Horribilis" no Verão Quente (1975, Portugal), atravessando as Portas do Cerco (na China de Macau), percorrendo os Estados da Austrália Ocidental, Vitória e Nova Gales do Sul, com breves passagens pelas Índias, pelo Oriente do Meio e seus emirados, metade da Europa, da Ásia e parte do Pacífico Sul, antes de redescobrir o Brasil, Portugal e outros países

Por fim, iria aterrar como um milhafre, Buteo buteo rothschildi, na ilha de S. Miguel (Açores) donde partiu em conquista fugaz de Santa Maria, Faial, Pico, Graciosa, S. Jorge, Terceira, Flores e Corvo.

Se na pátria Austrália descobriu uma tribo aborígine a falar crioulo português há mais de 450 anos, na propecta Bragança descortinou a sua mátria e nos Açores descobriu o que o mundo desconhecia, uma literatura distinta.

Esta viagem leva o leitor num périplo pelo mundo enquanto o autor vai cronicando, como Marco Polo, ou Fernão Mendes Pinto a sua vida, as terras, as gentes e os costumes e tradições. Da análise política, social e pessoal parte à descoberta de culturas. Recupera as origens, retorna ao seio duma Lusofonia sem raças, credos ou nacionalidades, até se radicar nesta "Atlântida" onde irá desvendar, divulgar e dilatar desveladamente uma fértil açorianidade literária, fundíbulo de autonomias e independências por cumprir.

Badana direita



chrys@lusofonias.net -

J. Chrys Chrystello (n. 1949-) cidadão australiano que não só acredita em multiculturalismo, como é disso um exemplo. Nasceu numa família mesclada de Galego-Português, Brasileiro (carioca), Alemão, do lado paterno, Português e marrano transmontano do materno.

Publicou em 1972 o seu primeiro livro "Crónicas do Quotidiano Inútil, vol. 1" (poesia).

O exército colonial português levou-o a viver em Timor (setº 1973- jun 1975) onde foi Editor-chefe do jornal local (A Voz de Timor, Díli) antes de ir à Austrália em 1975 decidir adotá-la como pátria.

Começou a interessar-se pela linguística ao ser confrontado com mais de 30 dialetos em Timor. Durante mais de duas décadas escreveu sobre o drama de Timor Leste enquanto o mundo se recusava a ver essa saga.

De 1967 até hoje dedicou-se sempre ao jornalismo (rádio, televisão e imprensa).

De 1976 a 1982 desempenhou funções executivas na Companhia de Electricidade de Macau. Em Macau foi Redator, Apresentador e Produtor de Programas para a ERM/Rádio 7/ Rádio Macau / TDM e RTP Macau e jornalista para a TVB - Hong Kong.

Viveu em Perth, radicou-se em Sydney (e migrou para Melbourne). Durante os anos na Austrália esteve envolvido nas instâncias oficiais que definiram a política multicultural do país.

Foi Jornalista no Ministério Federal do Emprego, Educação e Formação Profissional e no Ministério Federal da Saúde, Habitação e Serviços Comunitários.

Divulgou desde 1985 a descoberta na Austrália de vestígios da chegada dos Portugueses (1521-1525, mais de 250 anos antes do capitão Cook) e difundiu a existência de tribos aborígenes falando Crioulo Português (há quatro séculos).

Durante mais de vinte anos (1984-2004) foi responsável pelos exames dos candidatos a Tradutores e Interpretes na Austrália (NAATI National Authority for the Accreditation of Translators & Interpreters).

Foi Tradutor e Intérprete (Ministério Estadual da Imigração, Ministério de Saúde de Nova Gales do Sul).

Foi Membro Fundador do AUSIT (Australian Institute for Translators & Interpreters).

Lecionou Linguística e Estudos Multiculturais a candidatos a tradutores e intérpretes em Sidney na UTS (Universidade de Tecnologia de Sidney).

Foi Assessor de Literatura Portuguesa do Australia Council, na UTS (1999-2005).

Foi Mentor dos finalistas de Literatura da ACL (Association for Computational Linguistics, Information Technology Research Institute) da University of Brighton no Reino Unido (2000-2012)

Foi Revisor (Translation Studies Department) da Universidade de Helsínquia (2005-2012).

Foi Consultor do Programa REMA da Universidade dos Açores. (2008 a 2012)

Em 1999, publicou a sua tese "Timor Leste: o dossiê secreto 1973-1975" (ensaio político), esgotado ao fim de três dias.

Em 2000 publicou a 1ª edição da monografia "Crónicas Austrais 1976-1996".

Em 2005 publicou o "Cancioneiro Transmontano 2005"

Nesse ano publicou (e-book DVD) outro volume da trilogia "Timor-Leste vol. 2: 1983-1992, Historiografia de um Repórter".

Entre 2006 e 2010, traduziu, entre outras, obras de autores açorianos para Inglês: Daniel de Sá (Sta. Maria ilha-mãe; O Pastor das Casas Mortas; S. Miguel: A Ilha esculpida; e Ilha Terceira, Terra de Bravos), de Manuel Serpa (As Vinhas do Pico), Victor Rui Dóres (Ilhas do Triângulo, coração dos Açores numa viagem com Jacques Brel).

Em 2011 traduziu a Antologia de Autores Açorianos Contemporâneos para inglês

Em 2012 traduziu de Caetano Valadão Serpa "Uma pessoa só é pouca gente, o sexo e o divino."

Desde 2005 traduziu vários excertos de obras de dezenas de escritores açorianos integrados em projetos dos Colóquios da Lusofonia (Antologias).

Em 2009 publicou o volume 1 da trilogia "Crónica Açores: uma Circum-navegação, De Timor a Macau, Austrália, Brasil, Bragança até aos Açores, (esgotado)" cronicando as suas viagens pelo mundo.

Em 2011 publicou o volume 2 da trilogia "Crónica Açores: uma Circum-navegação: De Timor a Macau, Austrália, Brasil, Bragança até aos Açores" (ed. Calendário das Letras).

Em outubro de 2012 lançou a sua obra completa de poesia "Crónica do Quotidiano Inútil (vol. 1 a 5)", a assinalar os 40 anos de vida literária.

Em 2015 lançou a 4ª edição de "Crónicas Austrais 1978-1998".

Também em 2015 editou a obra completa dos 3 volumes da "Trilogia da História de Timor"

Em 2015 fez a revisão e compilação da obra de Dom Carlos Ximenes Belo, "Padre Carlos da Rocha Pereira. Missionário açoriano em Timor", vol. 1 da série Missionários Açorianos em Timor, ed. AICL e Moinho Terrace Café

Em 2017 lançou o seu opus magister "Bibliografia Geral da Açorianidade" em 2 vols (1600 pp. com 19500 entradas) e teve vários trabalhos (ensaio e poesia) publicados em antologias.

Em 2017, reviu, adaptou e traduziu para inglês o livro "O Mundo Perdido de Timor-Leste" de José Ramos-Horta e Patricia Vickers-Rich

Lançou em 2018 "Fotoemas", foto e-book, com fotografia de Fátima Salcedo e poemas dos Açores, de Chrys Chrystello edição e-livro <http://www.blurb.com/books/8752953-fotoemas>

Em 2018, fez a revisão e compilação de "Missionários açorianos em Timor" vol. 2 de D Carlos F Ximenes Belo, ed. AICL e Câmara Municipal de Ponta Delgada, ed. Letras Lavadas

Em 2018 finalizou o volume 3 de "Crónica Açores uma circum-navegação: De Timor a Macau, Austrália, Brasil, Bragança até aos Açores" cronicando as suas viagens pelo mundo

Completo a Crónica do Quotidiano Inútil vol. 6 (Obras completas de poesia)

Considera marcantes a Palestra proferida na Academia Brasileira de Letras (29.3.2010) com Malaca Casteleiro, Evanildo Bechara e Concha Rousia, e ser admitido (5.10.2012) como Académico Correspondente da Academia Galega da Língua Portuguesa).

É Editor dos Cadernos (de Estudos) Açorianos da AICL, publicação online,

2019 Nomeado Vice-presidente de PPdM - Oceania - Vice-Presidente para a Oceânia do Movimento Poetas do Mundo

2019 Nomeado membro do Pen International (Açores)

Preside, desde 2010, à Direção da Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia que organiza desde 2001-2002, Colóquios da Lusofonia (30 edições, 2 ao ano).

<https://www.lusofonias.net/mais/chrys-cv.html> www.lusofonias.com

**CHRÓNICAÇORES: UMA CIRCUM-NAVEGAÇÃO,
DE TIMOR A MACAU, AUSTRÁLIA, BRASIL, BRAGANÇA ATÉ AOS AÇORES
VOL. 3 PARTE I – ANO 2005 - SEM CORTES
(CRÓNICAS 1 A 9 – 2005)**

Versão inédita não totalmente editada



**CHRÓNICAÇORES: UMA CIRCUM-NAVEGAÇÃO
DE TIMOR A MACAU, AUSTRÁLIA, BRASIL, BRAGANÇA ATÉ AOS AÇORES
VOLUME 3**



J. CHRYS CHRYSTELLO 2017

TODOS OS DIAS DEVÍAMOS OUVIR UM POUCO DE MÚSICA, LER UMA BOA POESIA, VER UM QUADRO BONITO E, SE POSSÍVEL, DIZER ALGUMAS PALAVRAS SENSATAS. GOETHE

O TEMPO É UM ÓTIMO PROFESSOR. PENA É QUE MATE OS SEUS ALUNOS. (HECTOR BERLIOZ)